

Albumen das Sombros
Porto.

Ignéz Sabino Pinho Maia



IMPRESSÕES

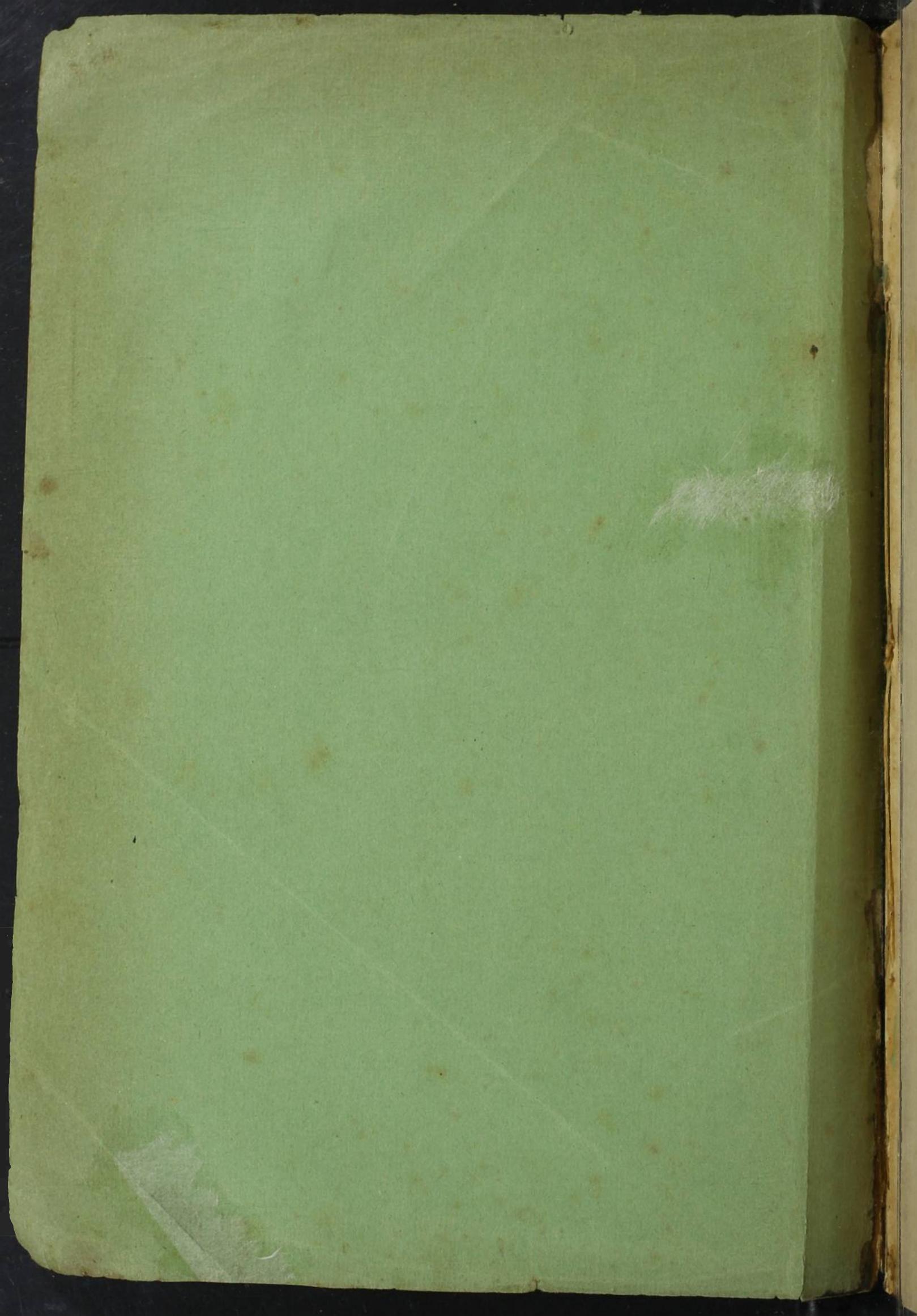
VERSOS

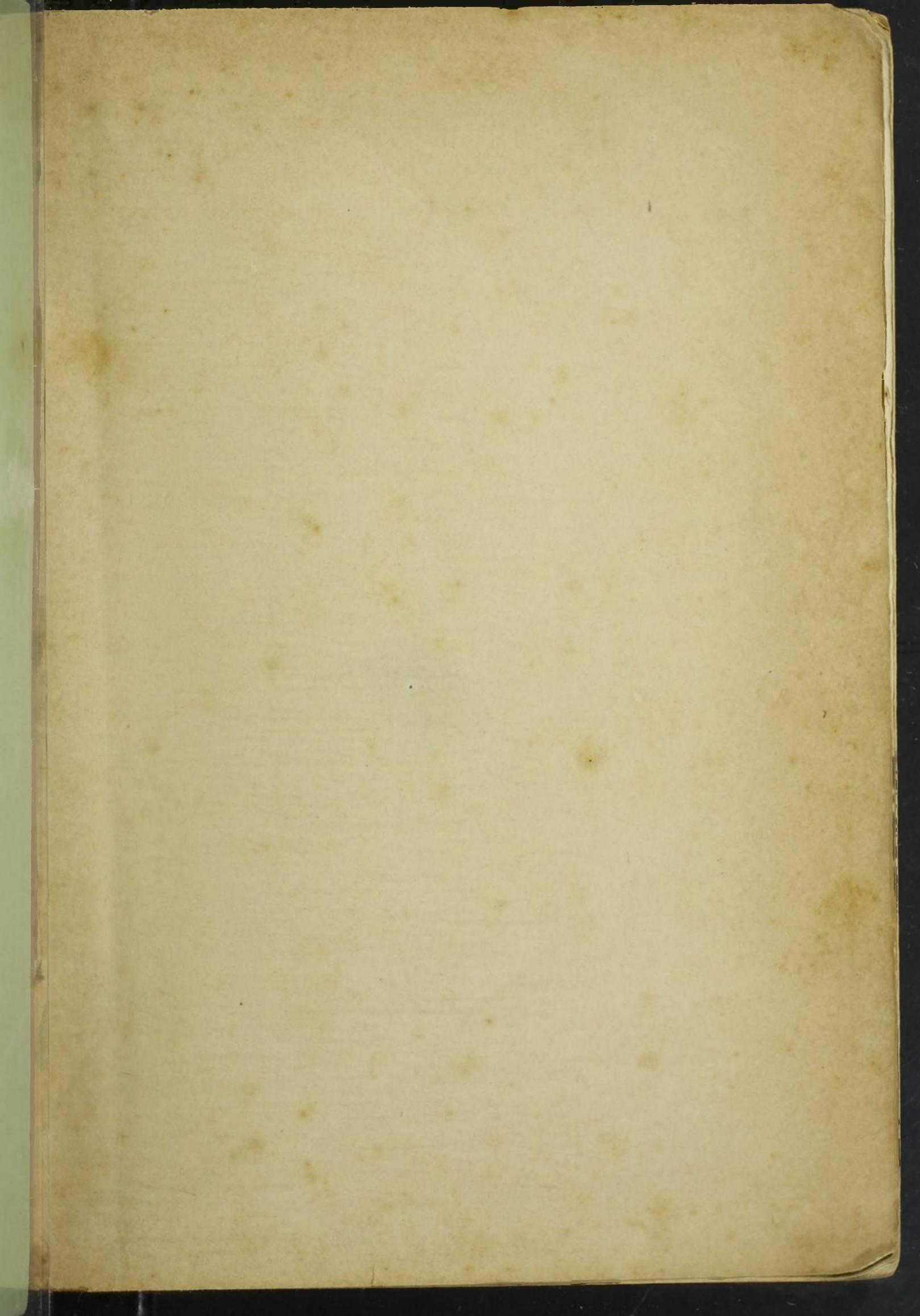
2.^a SERIE

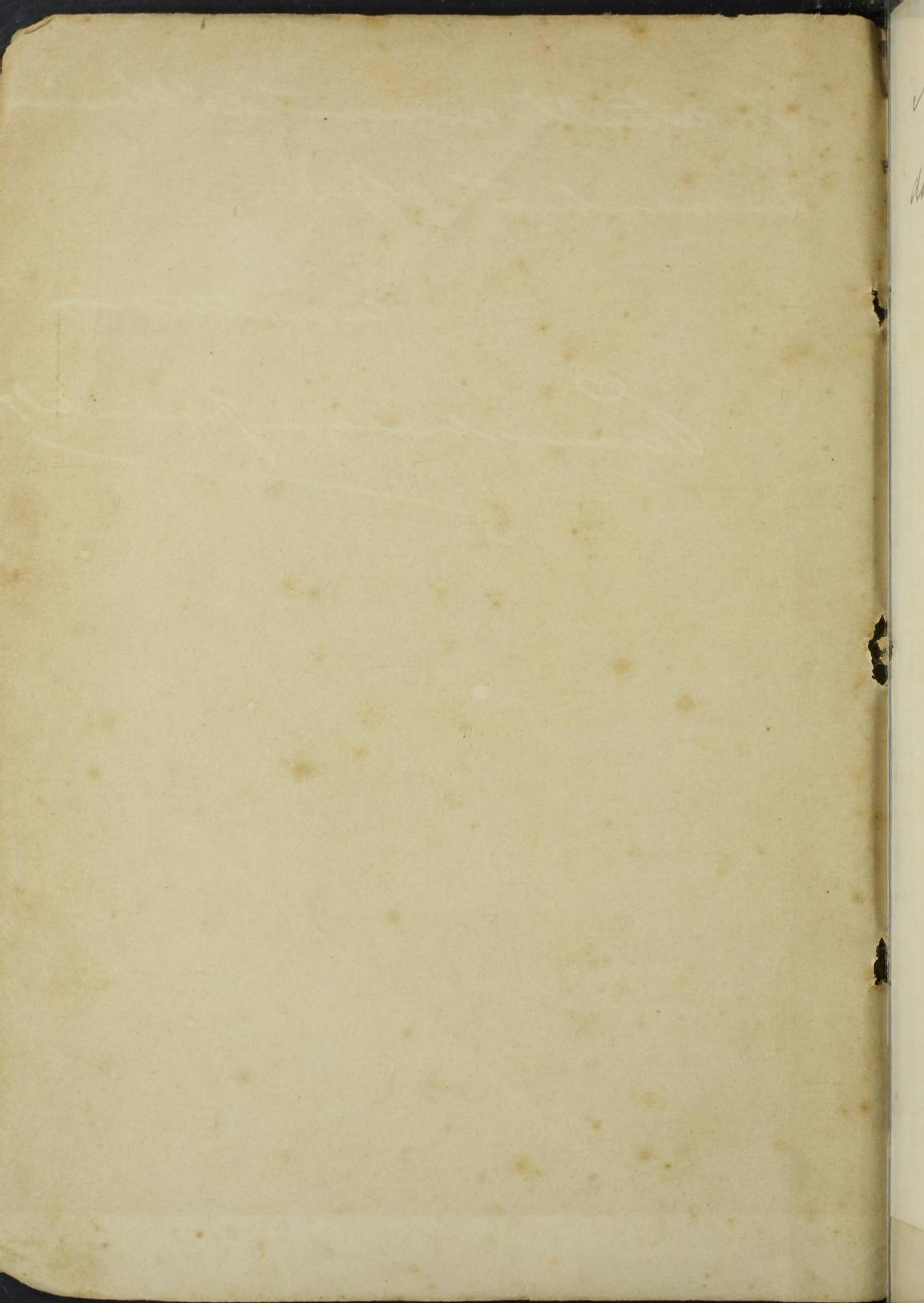
PERNAMBUCO

TYPOGRAPHIA APOLLO

1887







A distincta redução do "Obreiro
da manha." offere.

a cultura

Temambuco, em Junho de 1874



Ignes Sabino Pinho Maia

IMPRESSO

VERSOS

2. PERLE

FERNAMBUCO

TYPOGRAPHIA

1895



Ignacio Sabino Rubio Inca

Ignez Sabino Pinho Maia

IMPRESSÕES

VERSOS

2.^a SERIE

PERNAMBUCO
—
TYPOGRAPHIA APOLLO
—
1887

OBRAS DA AUCTORA

PUBLICADAS

AVE LIBERTAS (poemeto) precedido de uma carta ás
senhoras de uma sociedade com esse titulo.

ROSAS PALLIDAS, 1.^a serie (versos).

PRESTES A ENTRAR NO PRÉLO

CONTOS DE SALÃO.

A PUBLICAR-SE

AVULSOS (versos) 3.^a serie.

CLARICE (romance).

O NAUFRAGO INDIANO (romance).

ESBOÇOS FEMININOS.

DUAS PALAVRAS

Eis-me pela terceira vez ainda envolvida nas lidas do prélo, luctando com os temporaes dos espiritos divergentes, affrontando o desanimo que me cerca, repellindo a opinião geral que condemna a mulher á estreiteza das quatro paredes que a encerram, fazendo-a inmergir n'um marasmo atrophiador pela falta de instrucção, arredando da mesma a ideia de erguer-se com uma resolução sadia, abraçando-se ás barricadas das luctas intellectuaes, mostrando por esse fórma que procura, pela intelligencia, galgar o throno que lhe compete.

O circulo, que me rodeia, é muito estreito. Ainda abraça antigos preconceitos, que só com o tempo poderão ser expellidos.

As senhoras se intimidam, e a prova é que rara, e muito rara mesmo, é aquella que sacode de si o jugo, lançando-se affoita no mundo tumultuoso e seductor das lettras.

Inda ha quem pense que os átomos productores da intelligencia, sejam parasitas ephemeras.

Eu, porém, não julgo assim. Acho que não embaraça a mulher, na sua nobre missão, tornar-se alguma cousa pelo poder da força intellectual.

Cada qual que procure erguer-se, desde que sinta-se com animo para trabalhar tenazmente.

O trabalho honra: é a lei commum e foi o melhor presente que o Creador deu ao homem, como primicia das agrestes dores.

O suor é o conforto natural, é a joia do esforço, é a alvorada do bem-estar no futuro !

Que se trabalhe pois !

Não passo de uma simples amadora na carreira litteraria, onde me lancei expontaneamente, onde tantas delicias encontro !...

Não tenho nem mesmo a pretensão de querer impôr-me, com um character definido, entre os illustres sectarios da minha comunhão, accarretando por essa fórma uma bôa dóse de amor proprio,—não!

O meu *eu* intellectual é assás pobre.

Eu só vizo um fim:—servir de alguma cousa á sociedade, pela persistencia do estudo.

Como verá a leitora amiga, ou o leitor bondoso, apresento-me só.

Nenhuma carta de recommendação me precede que, logo ás primeiras paginas, se fique sciente de que o valor das linhas inclusas nas folhas do meu livro, seja unicamente devido ao beneplacito do padrinho, acontecendo, como não é raro, que, lido o exordio generoso, colloque-se o volume nas prateleiras de uma estante, onde muitas vezes por vaidade accumulam-se brochuras, apenas servindo para indicar o capital gasto.

Tudo, pois, quanto possa valer o meu exiguotrabalho, é devido sómente a meus esforços, ás minhas lucubrações, visto ter adoptado no novo plano de minha vida esta diviza:—estudo e trabalho.

Cinjo-me ainda ao modello lyrico ; é o que me domina desde criança, embora já mostre, bem contrafeita, um ou outro traço da nova escóla, que me convida a entrar na sua liça, talvez pela novidade me tentando assim... mas, por emquanto, não me sinto a isto disposta.

Hoje em dia que imperam os moldes scientificos e realistas de um Guerra Junqueiro, um Sully Prudhomme, Lefebre, Coppé e outros: os lyricos são retrógrados.

Aprecio esses talentos, curvo-me á Madame Akermann, porém da explanada do meu cerebro, embora divize o panorama do futuro, acho que é cêdo ainda para nos alistarmos sob a nova bandeira, a não quereremos peccar a todo o instante.

Retirem-se do manto estrellado da poesia os salpicos do ideal, queum livro de versos não passará de um compendio enjoativo das verdades amargas que nos rodeiam acremente por toda a parte.

Uma senhora brasileira realista, positivista, scientificando o metro, a menor palavra, seria desprezar a nuvem poetica do seu natural scismador, seria cochegar sobre si o desprezo das almas fracas.

E' cedo ainda !

Qualquer seita cranial que se conserve pura, que terá cumprido o seu apostolado !

Acolhida benevolmente pelo publico desde a minha "Ave Libertas," já na 1.^a serie de meus versos, já em avulsos e nos escriptos em Jornaes, lembrei-me de publicar a continuação dos

mesmos sob a epigraphe—IMPRESSÕES, e, tomando o exemplo de D. Delphina Benigna da Cunha (a musa cega), ousou dedical-os ás senhoras brasileiras.

Não sei se as humilharei com o offerecimento; mas, seja como fôr, acho que é dado a expontaneidade de uma offerta a qualquer.

Si umas a desdenharem, outras a abraçarão.

A vida de quem escreve é sempre crivada de espinhos.

Entre elles colhe-se uma flôr azul de quando em vez; porém... para colhê-la, quantas chagas não gottejam!

Para desdenhar os Zoilos, quanto fel não se recolhe no amago do peito!

Quanta illusão não baqueia?! Quasi sempre a inveja procura estraçalhal-o, ganha-se um desafecto em quem se tributa sympathy, um inimigo em quem se cria um irmão!

O escriptor, disse algures um espirito forte, é o Christo das modernas gerações.

Eu creio mesmo que é. Contra si tem elle a maior parte das vezes, um juiz apaixonado — o publico, que defende um eterno Barrabáz—a inveja, osculada pelos Pilatos da critica rasteira.

No entretanto, sem o presentir, aponto-lhe o Thabôr da transfiguração social — o talento, alteiado pelo facho da instrucção que abre expontanea o Paço do raciocinio e da logica, que despertando a evolução, cria um novo Athleta.

O nosso espirito está em crise; elle procura se aperfeiçoar.

Vejo uma enorme tendencia para a metamorphose das ideias, criando meios proficuos para o desenvolvimento das sciencias geraes, definindo o segredo ainda occulto da lei fundamental da sociologia, cumprindo, portanto, um arduo dever.

Eu, cumprindo tambem o meu, hei de empenhar toda a minha boa vontade para ser digna da missão que desempenho.

Terminando, envio meu segundo livro como um viajante que, sem guia, sem apoio, obscuro, caminha em busca de um porto seguro que o abrigue.

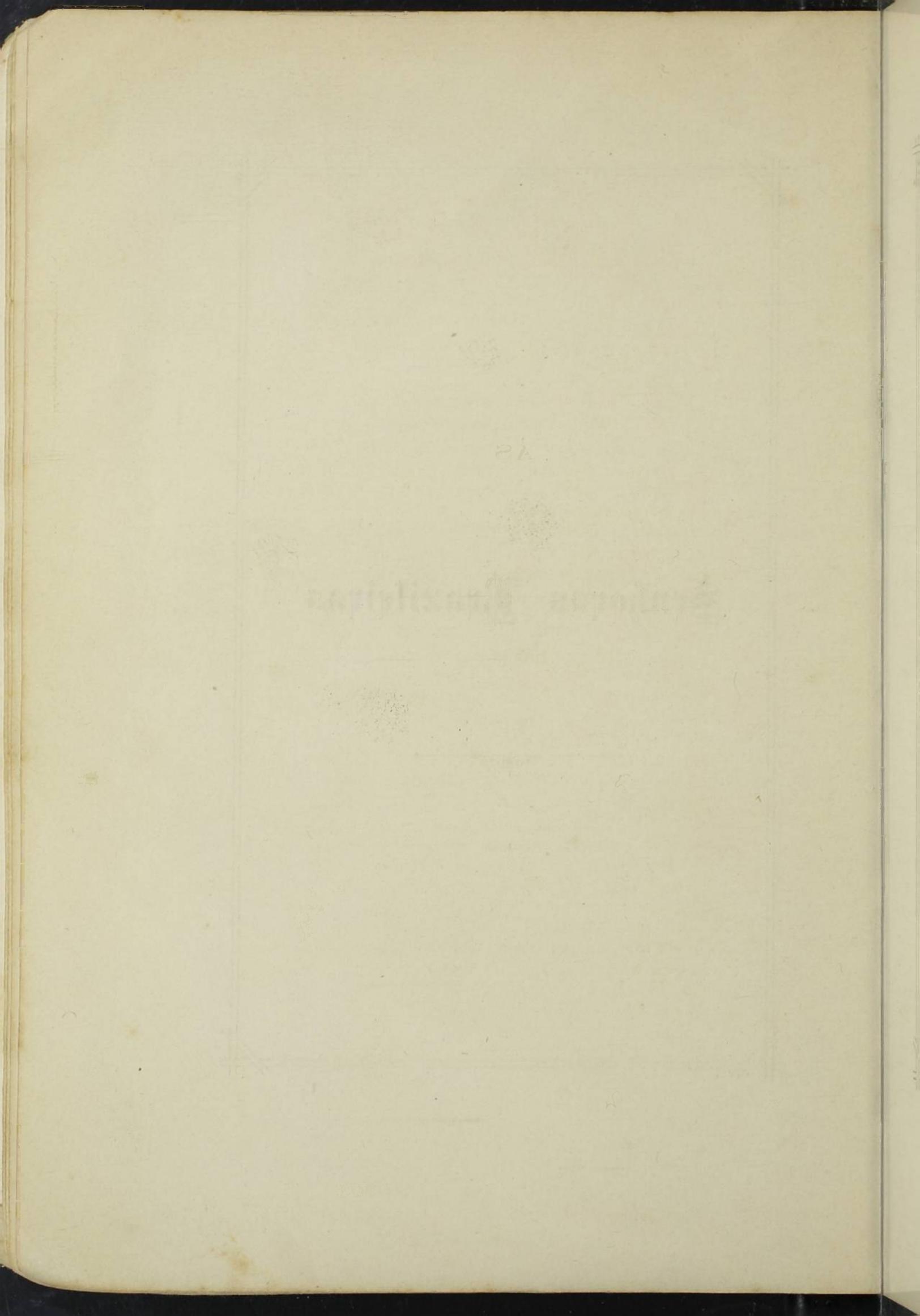
Seja elle a enseiada tranquilla de uma critica desapaixonada,, que feliz me julgarei eu.

IGNEZ SABINO.

ÀS

Senhoras Brasileiras





Eu não venho carpir ternas endechas,
E nem mesmo soltar suaves queixas
Que faça um rosto be lo entristecer
Logo á primeira estrophe, e vá fazer
Tontura a quem, n'um riso de desprezo,
Atacado de spleen, se veja preso
Em dias invernosos, pegue um livro
Por méra distracção, e veja vivo
Compendio de tristeza ou magua atroz,
Da lyra um rude harpejo ou d'alma a voz
Lastimando um amor já esquecido !
Tudo isto é thema velho e já batido.
Um tit'lo dei ao livro:—o de "Impressões,"
Não será obra prima, tem senões
Que o fará criticado, bem eu sei ;
E, para estim'lo meu, juro que hei
Fazel-o, se puder, um mimo d'arte,
Mas tal, que a phantasia tome parte
A par da evolução e da sciencia !
Perdão ! não vão suppôr seja demencia
Da pobre scismadora... ah! isso não !...
Bem sei que no geral a opinião
Das classes sociaes vê na mulher
Ainda um ente inutil, e só quer
A ver no lar domestico a coser,
Em jogos pueris a se entreter,
Pensando a instrucção ser cousa futil,
Assim uma chimera !... como inutil

Alem do A-B-C e da cartilha,
Do compendio christão a santa filha.
No entretanto, a instrucção para a mulher
E' um grilhão de ouro, que só quer
Fulgir eternamente !... co'a instrucção,
Na vida, honestamente, terá pão !
Um pão sem igual, pão do talento,
Um trigo sempre verde, que sustento
Dará !... E' albatroz que velozmente
Sorrindo, vae pousar serenamente,
Osculando os dilectos filhos seus
E, calmo, lhes aponta a terra e os céus.
Depois, desce á cabana do proscripto:
O rude camponez transforma em mytho,
No palacio real tambem se aninha,
Ridente, todo ufano, elle caminha
Por esse mundo alem !

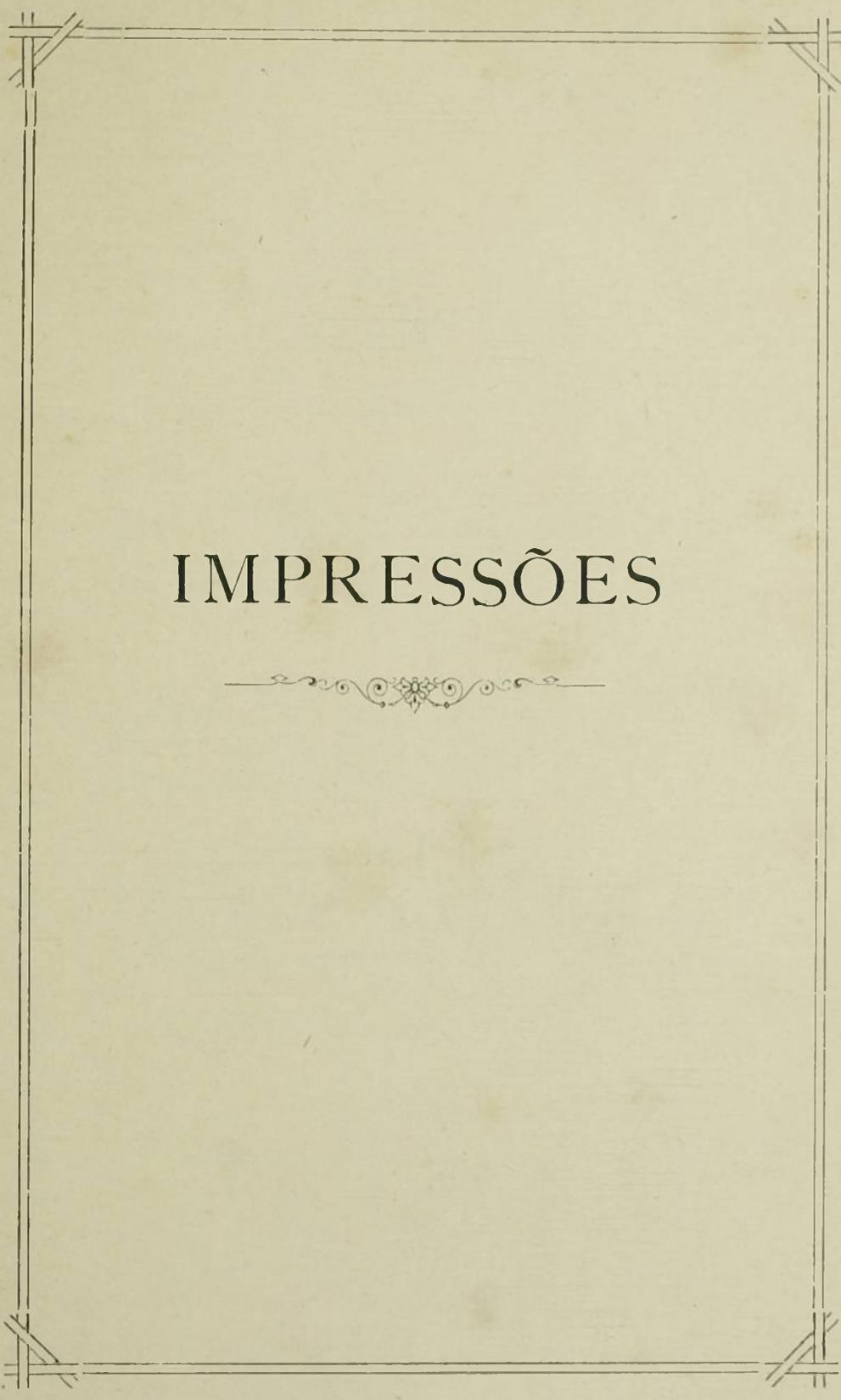
Que soberano
Empunha o aureo sceptro mais humano !
Permittam que eu affoita, vá no thema,
Não vão suppôr ou crer seja um dilemma
Que eu queira esclarecer n'um rude ensejo,
Ou vá ferir alguém... eu só desejo
A senda do progresso, ser ridente,
E possa ser ainda ella o agente
Dos brios do futuro ! Ah! eu não quero
Tornar a mulher homem, porte fero
No campo da batalha, espada em punho,
Tomando por modêlo o mascl'o cunho;
Não ! não ! apenas quero que no lar,
De involta co'a virtude, possa dar
A' civilisação da actualidade
A solida instrucção com a bondade !
O espirito precisa ter cultivo,
E quanto maior fôr, mais será vivo
O anceo do saber... riqueza immensa
Da bôa natureza, que propensa
Se abraça n'uma idéa — a do progresso,
Que ainda em pallidez está immerso !

Os sabios consideram que a ideia
Feminil, desde muito que baqueia
Por falta de cultivo !...

Eu quero crer
Que seja mesmo assim, pois que a meu ver
A lei da evolução abraça tudo,
Sem distinguir o sexo, agente mudo,
Lançára a fertil seiva, que germina,
Si cultivado é, depois domina
Rainha soberana !... A mulher deve
Sósinha a estudar, mostrar de leve
Sem muita ostentação, n'um traço de ouro;
Ser util, ter um fim, não é desdouro
Viver do seu talento; e não é bello ?
Com elle a fome passa, e encobre o sello
Da sua chaga horrenda !

Ai, Brasileiras,
Minhas gentis patricias feiticeiras,
A vós as "Impressões" aqui offereço;
Bem sei que é pobre a offerta, eu obedeço
Ás leis do coração. Sim, perdoae
A minh'alta ousadia e conchegae
No mimoso regaço as "Impressões";
Em paga, dae-me em vossos corações
Um conchego de amor, de apoio e calma
Ás pallidas ideias que em minh'alma
Se anhinham sem querer... e, agradecida,
A vós a minha lyra, o canto e a vida.





IMPRESSÕES



FAIRBANKS



A ALICE

Oh pequenina flôr! meu lyrio tremulante,
Sobre esta folha aqui, vaes ter o teu quinhão,
Tu és a harpa eolia, o canto dominante,
Que vibra no meu peito e acalma o coração.

Tu és um anjo ainda!... a tua vida é pura,
E' branda como o lago, em ondas de cristal,
E que te não mareie a atmosphaera impura
Dos atomos da vida o riso virginal!

O riso da infancia é bello como os astros,
Serenos como o ceu... suave como Deus!
Feliz quem livre o tem dos traiçoeiros rastros,
E lhe disputa a posse dos arcanos seus.



NOVO MUNDO

(Fragmento)

Oasis do Universo ! concha verde
Formada das *espumas fluctuantes*
Das nesgas do infinito !
O ceu é de saphiras deslumbrantes,
De roscios cambiantes,
Do ether em fremito.

Um dia, Jehovah nos verdes prados
Já farto dos primores arrendados,
Passeia pensativo, e, de repente,
Reunio apressado sua gente
E sobre o mar pousou !
Aponta para o globo, e, na esphera,
Apenas viu tres pontos... e... pondera...
Fictou a vista além, e diz sombrio:
—“ Vou formar mais um mar ali, um rio :
— *Atlantico*, chamarei a essas aguas,
E ao rio — *Amazonas* !... nessas fragoas
Nascerá expontaneo o fructo e a flor;
Darei a esse Eden tal primor
Que um dia fulgirá no universo;
D'aquelles pontos, pois, vai ser diverso.
Pois bem !... vou me esmerar, e as gerações
Neste paiz de rosa em multidões
Ligeiras correrão. Vou dar-lhe um nome:
America será, e o seu renome

Um preito lhe ha de dar ! vai ser immensa,
Vou dividil-o, sim !... e bem extensa
Será delle uma parte, oh! que primor !
Brazil, se ha de chamar, e no vigor
A tudo ha de offuscar ! vou dar-lhe minas,
Que por si criarão mil officinas !

.....
Num fremito de ardor, e de alegria
Das massas Européas, dispertára
Um homem que teimoso asseverara
Achar um outro mundo !...

Desdenharam

Do intento !... Pobres loucos ! não julgaram
Mais terra se encontrar no vasto oceano,
O dique universal, robusto e lhano !

.....
Teimoso, renitente, esse Colombo
Desprendendo uma idéa, a põe ao hombro
Na sua larga empreza, sulca os mares
Julgando um paraizo nos pezares !
Embarca !... e na flotilha, oh quantas vezes
Alta noite, sosinho, nos revezes
Pensava se enganar!

Monologava :

“ Meu Deus... me enganaria, ah!... eu pensava,
N’um sonho inebriante, nestes mares
Achar um doce asylo onde os pezares
Depressa os esquecesse. ”
Sonhára n’uma ilha de verdura
Que talvez inda me fosse a sepultura
Acaso eu lá morresse !”

.....
.....
A frente, sobre as mãos, a conservara:
Dormia tudo a bordo ; elle fictara
O mar e a immensidade, só se ouvindo
O vento a bafejar, e o mar rugindo !

.....
Continúa a derrota, os marinheiros

Já fartos de ver mar e aguaceiros
Se aprestam na revolta, vão a elle
Pedindo atrás voltar, porém aquelle
Titaneo luctador em phrase branda
Impõe silencio áquelles que commanda.

As horas já voavam, té que um dia
Logo ao alvorecer, o mar cedia
A' magica influencia feiticeira
Da corrente da brisa que, rasteira,
P'ra além os conduzia ..

Estava ao leme
Um velho marinheiro. que não teme
Os silvos das borrascas, quando vio
Por sobre as verdes aguas, verde rama.
N'um grito de prazer, contente chama
Da expedição o chefe: vem Colombo.
Ao chegar, sobre o peito um alvo pombo
O rosto lhe affagando, elle o beijou,
E aos ares, n'um triumpho, o enviou.

Agglomera-se a gente admirada,
Em vez de um máo olhar, vê-se a risada.

.....

Colombo radiante,
Lhes diz com voz brilhante:

“ Té que emfim já vemos terra,
Amigos !... chegamos cá !...
Estavam desanimados ?
P'ra que viemos de lá !
Vamos colher mil thesouros
Que inda nos sirvam de agouros
A mais uma expedição !

Patricios, vejam que plagas
Não sorri por entre as vagas
A' futura geração !..."

.....
Com effeito!... luxuriante,
Terra a sorrir deslumbrante
Ante os seus olhos surgio !...
Em breve nella saltaram,
Reverentes, se curvaram
E um murmurio se ouvio.

.....
Ao voltar á Europa carregados,
Mostraram aos paizes deslumbrados
A prata, a per'la e o ouro
Então acreditaram que alem mares
Dos verdes agrestissimos logares
Trouxeram um thesouro!...

.....
Do pobre Genovez, qual foi a paga
De sulcar nos perigos essa plaga
Desconhecida ainda ?
O fatal abandono e o despreso,
Terminar quasi nú, da fome preso
N'uma miseria infinda !

.....
Em um pouco de palha... quasi morto
O heróe do novo mundo, sem conforto
Está, soffrendo a fome, e no escuro,
A ter da ingratição pão negro e duro.

.....
Era ardente a insomnia, a febre immensa
N'um delirio cruel !... que dôr intensa !
Nem sequer um amigo ali velava,
O resabio ao pobre triste cruciava !..

Murmura!... oh! era um sonho,atróz,mesquinho.
O olhar já estava baço, elle sósinho,
Depois... rio-se em escarneo... a sós fallava,
P'ra longe, e p'ra bem longe eis que apontava !

Só Deus, seu companheiro, o pôde ouvir
E eu, que o traduzo no sentir !
.....

“Oh! terra das mancenilhas,
Verde Erin de além mar,
Que as brumas nas escomilhas
Me fizerão delirar !
Oh! tu, meu dourado sonho
Que me affagavas risonho,
Vem agora me alentar !

Bem devia ter previsto
A mais negra ingratição;
Porque não fui impellido
Por uma mera ficção.
Voltei trazendo commigo
De envolta com o perigo
Um porvir para a nação.

Que me deram ?! ais e dores !
Que me deram ?! prantos só,
Que me caem regelados
Misturando-se no pó !. .
Mas, a gloria com meu nome
Fulgirá no meu renome
Me enlaçando em calmo nó.

A gloria ! e o que é a gloria ?
Talvez... mero escarneo e dor !...
Ah... talvez que eu inda a veja
Me sorrir com desamor !

.....
Blasphemo !... já me circumda
De immensa luz... já me innunda
No roseo e grato penhor !...”
.....

Pendeo esmorecido... terminando,
Cerulea virgem loura o abraçando,
O rosto lhe affagou !
Era a muda testemunha que evocára
Que vinha dar-lhe a paz, que lhe faltara
E os olhos lhe feichou !



A CRUZ

A UM CRENTE

Phanal de redempção... estrella esplendurosa
Que fulges cá na terra em chispa luminosa,
Sorris por entre a luz, e ergues para os céus
Os braços redemptores, lindos nos seus brilhos,
Sublimes medianeiros de teus pobres filhos,
Interpretres de paz, junto ao altar de Deus !

Madeiro sublimado, cujo tópo ergues
P'ra alem da immensidade sem que ao menos vergues
Um só dos scintillosos cravos de perdão,
Que enlaça o pedestal da sorridente areia
Em que foste plantada sem que d'agua a veia
Orvalhe essa vergontea que nasceu do chão !

No campo solitario em meio da floresta
Alguem lá te plantára, sim, que immensa festa
Rodeia-te mimosa, oh casta e santa cruz !
A flor da mancenilha te enlaçou na rama,
Os róseos lindos cachos sobre ti derrama
Suavissimo perfume, e grata, tu, dás luz !

O viandante exausto lá parou no sêro
Ao te avistar ao longe, corre p'ra o desterro
Que jazes solitaria, repousando assim !
E dorme á sombra amiga que lhe deu conforto,
Em teus amantes braços, elle achou um horto,
Se curva agradecido, e te oscula alfim !

No leito nú e triste, junto ao moribundo,
Que geme em dor immensa no bramir profundo
Que lenta vem trazer-lhe a ultima agonia,
Oh cruz !... sómente tu lhe vens sorrir infinda,
E's a esp'rança amena que o conforta ainda
Trazendo o lenitivo ao triste que gemia !

Além, sob o cypreste, que orna o cemiterio,
Ali, no campanario, ao pé do Eremiterio
Alteias sorridente os braços a quem vem !
E o camponez sincero; mas, rustico embora
Te oscula *reverente, e timido, descóra,*
Curvando um joêlho em terra, vae-se para alem !

E eu, que humilde escrevo, vou ornar de flores
Singelas, campezinias; mas, que têm odores
As limpidas vergonteadas destes braços teus !
Consente que a capella dos meus pobres cantos
Adorne para sempre estes teus braços santos
E tu, vem matizar os frouxos versos meus !



A TEMPESTADE

De chumbo estava o céu ! as brizas, abafadas
As arvores, immoveis, nuvens, plumbeadas...
E' turvo o horizonte, o monte escurecido,
A terra incandescente, e o rio embravecido.
A noite não previra essa titanea lucta
Dos féros elementos na cruel conducta.
A matta, luxuriosa, de folhagem basta,
Derrama um acre odor pela planicie vasta,
O cedro e o loureiro, n'altivez gigante
Na magica umbella acolhem nesse instante
A andorinha terna que pasmada vôa
Ante o extranho embate, que de alem resôa.

.....
Tredo rumor ao longe, annuncio de tormenta,
Se ouviu como um fragor, longinquo, que afugenta
Até a brava fera, e o reptil medonho
A se encolher nas furnas, crendo tudo um sonho.
Reboam os trovões ! do ether, chovem raios,
Destillam-se as cascatas n'uns senis ensaios,
Modêlo de diluvio, em gerações modernas...
Um vento secco, rijo, embrenha nas cavernas
Dos animaes damninhos, que ante o cataclismo
Uivavam rudemente em face ao paroxismo,
As folhas, murmurejam... cá, pende um arbusto,
As arvores, se extorcem no chocar do susto,
Estalão-se os garranchos, cahem as palmeiras,

Desloca-se o barranco, em pedras quasi inteiras
E n'um horror se agita o rio, e forma a onda
Altivo qual oceano, que de alem estronda !
A caxoeira em jorro, assoma em torvellinho,
Nesgas de douda espuma n'um lençol de arminho.

.....
Medonho é o exterminio, feio, horripilante
Que açoita nesta matta, ha pouco tão galante,
Pejada de mil flores, de cipós, de cardos,
De ponteagudas settas, mortuarios dardos
Repleta de aurea fructa, no sabor mimosa
Se crendo a soberana do Brazil, formosa !
Os leques das palmeiras pela madrugada
Saúdão o viajante a se abeirar da estrada,
Agora, tudo morto, pende á tôa, assim...
O tumular destroço, tudo abate emfim !

.....
O dia, amanhecera, as nuvens, dispersadas
No ceu, vão despontando as nesgas azuladas
E no horizonte, alegre, em frizos multicores
Surgira o sol airoso, e a tingir de côres
A terra humedecida da frugal merenda
Que os elementos deram n'uma vã contenda !
O rei, lá das espheras, ergue o louro manto
E como um bom amigo, restitue no encanto
Do seu poder immenso, esse poder da terra !

.....
Ao seu conchego, s'ergue o prado, a flôr e a serra.
Resuscitadas ficam, as vergonteadas frageis
Pois tudo despertára nos encantos ágeis !

.....
A florea magestade das brazileas mattas
Luctára, mas vencera as aquilas bravatas
Dos féros elementos !



A MUSICA

Idyllio do Eterno !... electricas correntes
Do ether desprendido, em echos divinaes !
Vibradas como um som, de labios innocentes,
Quaes threnos d'avezinha, em ninhos tropicaes.

David, da harpa eolia arranca tons divinos,
Saúl, se prostra humilde, abate a ira atroz,
A musica, derrama, effluvios cristalinos,
Que ferem docemente e vêm prender a nós !

Gazophylacio eterno de ondas sonoras
Trazido das alturas dos salões de Deus,
Que o peito nos seduz nas emoções calmosas,
Nas fugitivas horas dos arroubos seus !

Ou fira o violino uns cárpidos gemidos,
Ou vibre a flauta amiga o dulciantesom,
Ou d'um piano, ao longe, os ternos sustentidos
Indo expirar alem, o seu longinquo tom...

Estatico, se fica em murmurar divino,
Se chóra, se o instrumento, harpeja um soluçar,
Noss'alma se ajoelha e entôa um doce hymno
Que as fadas da cadencia, a nós, vêm murmurar !

A voz humana, a deusa do vivente peito
Converte as Malibrans, em anjos terreaes,
Ou cante as harmonias, de um maestro em preto,
Ou a canção singella, á sombra dos rosaes...

Nos faz lembrar o céu, e o palco de outros mundos,
Onde o tenor é Deus, e os córos, sem iguaes!
Que deu na exuberancia os dotes seus profundos
Da musica que infiltra, os éstos geniaes!



N'UM CARTÃO

A MARIA GURGEL DO AMARAL NOGUEIRA NO DIA DE
SEU NATALICIO, EM 20 DE OUTUBRO DE 86

Tens hoje recebido tantas prendas
Que eu mesma embaraçada eis-me a pensar
Se escôlha, nessas modas passageiras,
Um mimo de ouro ou de arte p'ra te dar !

Por mais que cuidadosa, eu o procure
Não acho em nada disso original
Lembrança que te dê de natalicio
Mimosa, ou expressiva, e sem igual.

.....

Mas ah !... lembrei-me agora neste instante
Que tenho mesmo aqui, bem juncto a mão
Melhor do que tu hajas recebido
Te envio a minha penna e o coração.



PERDÃO

Perdão ! palavra santa e abençoada
Dos labios de Jesus, doce, emanada
Até mesmo na cruz !
Elle, o martyr da fé, do amor, do sangue,
Pronunciou-a quasi morto, exangue,
Como um raio de luz !

Perdão, é um conforto nesta vida,
O perdão, ergue um'alma já abatida
Sentindo-se morrer!
Perdão, é o doce nectar que vehemente
Vem ungir nosso peito docemente
E fazel-o erguer !

—“Perdão”—, disse Jesus a Magdalena :
“—Levanta-te mulher, tu és pequena,
Mas, poderoso eu sou !
Perdôo-te sorrindo os teus peccados
Pelos ais, que tu soltas tão magoados,
Sim !.. perdoar-te eu vou !—”

Perdão ! diz ao pae o filho ingrato,
Que ainda está magoado do maltrato
Que delle recebeo !
O coração de um pae, é um sanctuario,
Que occulta o seu perdão; qual relicario,
Que é do filho seu!

Perdão! diz a criança soluçando,
Perdão, diz inda o anginho se abraçando
A' mãe suave e bôa!
Ella, fingindo austera a fronte linda
Sorri... e como mãe, o affaga ainda,
A lhe abraçar, perdôa!

Perdão! murmura o naufrago já morto
Sem lhe restar sequer um só conforto,
Santelmo, ou uma luz!
Abraçando-se á vaga triste e núa,
Morrendo-lhe a esperança fria e crúa,
Entrega-se a Jesus!

“—Perdão! diz expirando o moribundo,
Meu Deus! eu vou deixar emfim o mundo,
Me perdoareis, Senhor?”—
Elle, o Deus, flexivel, todo affecto,
Perdôa, e o moribundo calmo e quieto
Não sente mais a dôr!

E a orchestra universal em voz dorida
Se escuta a cada passo nesta vida
Em casta vibração!
O homem, arrefece a sua ideia,
Mesquinho, ao tôpo azul eis que se alteia
A murmurar:—Perdão!



A JOIA

Me lembro !.. foi á noite,
Em uma larga rua, nella se agrupavam
A's portas de uma loja, em extasis, crianças
Mirando as bellas joias, que acolá brilhavam.

Por entre aquella turba,
Que a vida sorria ante o fulgir do ouro,
Eu vi uma criança, angelical, serena,
De aspecto pobre e nú, pasmada ante o thesouro!

Pobre, infeliz menina,
As vestes erão feias; mas, no olhar se lia
A innocencia chã, com mansidão dos anjos
Nessa doce expressão que a paz a revestia!

Aponta avidamente
E diz :—“Oh mãe, eu quero aquella volta bella,
Que luz tão resplendente, eu vejo outras meninas
Ter brincos, e pulseira, e voltas, como aquella...”

Responde a mãe sorrindo :

“Sou pobre... a joia é cara... e uma pois, off'reço
E' minha benção santa, os puros, castos beijos,
Que valem mil thesouros, pois que não têm preço.”

Repete-lhe a filhinha :

—“Pois bem !.. me dá um beijo, que eu agradecida
Em recompensa, eu dou, oh terna amiga santa,
O meu affecto extremo, e est'alma embevecida.”



SÁUDADE

Já morre o sol no occaso nas montanhas,
A luz do dia esvae-se na penumbra,
 Que ha muito além se avista !
No pincaro da serra, a verde gramma
Immerge-se na luz, que inda sombreia
 A sua verde crista !

Tingio-se o horisonte em roseas cores,
As nuvens, espalhando brancos focos,
 Ha muito já fugiram !
Murmura a fonte, a segredar, queixosa,
As aves, lá nas veigas, ternos cantos
 Saudade, definiram...

Ouvi do sino o echo muito ao longe
E cada badalada dentro d'alma
 Desperta uma saudade !
Os castos idos dias tão formosos
A mente em turbilhão vem compungir-me
 Aqui na soledade !

E, como um alvo sonho que passara,
Do qual gratas lembranças me ficaram,
Sonoras, gemedoras,
Eu sinto o espinho agudo da saudade
Vibrar-me em languorosa, terna endeixa
As crenças seductoras !

Occulto, no sacrario de meu peito,
Nesse ergastulo sublime e impenetravel,
A essencia da saudade !
Esse idyllio do ceu, que o ceu exprime,
Que beija o coração na dura ausencia
Do amor ou da amisade !



MEIA NOITE

(Apóz o ruido alegre de uma reunião ao findar o anno de 85)

Um anno mais passou ! que phase nos desponta !
Que importa o que morreu, se é essa a lei fatal ?
Eu vejo a me sorrir, um rosicler dourado
No prisma do futuro, em traço matinal !

Me impressiona o ceu, que é sempre bello e novo,
A cup'la universal se ufana em azul ser !
O ceu napolitano vae ceder-lhe o passo
E, juncto ao ceu d'aqui, que brilho pode ter ?!

Que a ideia se disperte, o dia de hoje ordena,
Moderna, uma visão, nos montes cerebraes,
Thabor da intelligencia o apice allumiando,
Attrae o assensor em chispas colossaes !

Disperta com o anno, oh lyra santa e amiga,
Tu és a loura esphinge, o vortice da ideia,
Has de elevar-me affoita ao Caucaso de chammas
Cratera, que o talento, as fachas incendeia....

Eu sinto o fogo ardente da Vestal do craneo
A se alteiar ingente em cármino dever !
Na sarça da vontade, ha de imperar soberba,
Dictar-me em nova senda, a senda do querer....

E seja a evolução a minha guia certa,
Não deixe um só instante a ideia repousar,
Que no labôr sem fim... se tem um premio—a gloria
Que osculla a quem se esforça a ella se hobreiar!

.....

Um anno mais passou ! o dia de h oje é novo,
Reformem-se tambem os éstos geniaes !
Qu'importa o que morreu, que não se ergue agora,
Qu'importa o que se foi, se já não volta mais ?!



À TEUS PÉS

A' EXIMIA POETISA PORTUGUEZA D. MARIA
AMALIA VAZ DE CARVALHO

O genio é sol ardente, que allumia
O mundo fascinado com seus raios,
Eternos no brilhar !
E' qual o diamante refulgente,
Cujas chispas se casam luminosas
N'um brilho de cegar !

Tu és a fada, o genio, de além mares,
Tu és a maga estrella resplendente,
Que vens luzir aqui !
Brilhante e duradoura e tão perenne
Em extasis, nos prendes subjugados
Sorrindo-nos d'ahi.

Alva pomba, das plagas Lusitanas,
Colibri, a cantar ternos queixumes,
Gemendo ternos ais !
O vento, n'uma endeixa traz teu canto
Formoso e rendilhado de harmonias,
Em threnos celestiaes !

Aqui sobre essas terras brasileiras,
Poetisa, repousaste qual alcyone
 Cançado de voar !
Regaços mil te amparam orgulhosos
Tecendo n'uma cr'ôa doce affecto
 Para a teus pés lançar !

E eu, que sonho e canto, venho agora
A' noite, no silencio do meu ermo
 Lembrar o nome teu !
Maria ! vou depôr com reverencia
Como um preito a teus pés, a maga offerta
 De um pobre canto meu!

Bem sei que é audacioso... oh ! eu me curvo
Ao impulso de minh'alma, que me ordena
 E eu devo obedecer !
Oh Genio lá dos cerros de outros plainos,
Perdôa, se da lyra um rude accorde
 A ti venho off'recer !



PORTUGAL

A' COLONIA PORTUGUEZA

Oh terra de além mares ! sombras de outros tempos,
Sustenta, que bem podes, teu azul pendão !
Não deixes que esvoace inda o poder que resta
Da nobre e altiva fama de real nação !

Oh sombras de outras éras, quinas gloriosas,
Oh terra das conquistas, que abatida estás !
Leão adormecido, vem erguer a juba
E mostra que já foste altaneiro, audaz !

Oh berço dos Viriatos e de Affonso Henriques,
Tu, patria de altos brios, e de mil heróes,
Disperta de teu somno e vem mostrar ao menos
A audacia de outros tempos de fulgentes sóes!

E que é do teu poder ? não eras tu gigante ?
Não eras um colosso ? e como esmorecer ?...
O mar, te pertencia, supplantavas tudo,
E agora jazes frio e prestes a morrer ?

Levanta-te, colosso, te ergue enraivecido,
Eriça a tua coma e diz : — “ Sou Portugal ! ”
E lucta, atroz, ferino, acolhe os pobres filhos
Dispersos e erradios, n’um abraço igual!

E que nação já houve, que dissesse ao mundo:
— Aqui, alli, além, imponho o meu poder !
A’s minhas regias plantas prostro reis e mundos,
Eu sou augusto e nobre, e quem me faz tremer ?

Oh veigas lá do Tejo, oh montes de granito,
Oh patria de Camões, te ergue, oh Prometheu !
Affronta e não vacilles, a tua causa é nobre,
Desprende a rude algema desse pulso teo !

.....
.....

E eu, que tenho idéas collossaes, immensas,
Não posso idifferente o teo marasmo ver !
Fitando o infinito, alteio a minha frente,
E clamo : — “ ainda podes triumphar, vencer !... ”

E eu, pequena rôla; mas, com vôo d’aguia,
D’aqui, da Santa Cruz, saúdo a Portugal !
No viço todo ardente do expontaneo estro,
Irmão, vou te off’recer, um beijo fraternal.

Irmão, sim !... não duvides! nós os brazileiros,
Sinceros, generosos, bons de coração !
Ardentes, osculamos tua azul bandeira,
Beijamos reverentes um leal irmão !



POVERA !

A' beira de um regato, onde a florinha agreste
Matiza sempre rindo
As verdes trepadeiras
Que n'agua estão caindo,
Defronte, existe um pé de floreo cajueiro
Vergando sobranceiro
O roseo fructo alpestre.

Cresceu todo ufanoso um pé de dormideira,
De roxas, lindas flores,
Pejadas de vergontear
A desprender odores,
E sobre um alto galho, vê-se um casto ninho,
Tão leve como arminho,
De rola feiticeira.

E vivia feliz esta plumosa esposa
Brincando, se quedava
N'um gorgear fagueiro
E ria, se cantava.
Nos mimos argentinos do esposo querido
Ardente e destimido
O beija, a descuidosa.

E juntos se embeberam n'um amor infindo,
Bem longe do tumulto,
Do mundo o rir perenne
No seu bramir estulto.
E fora desses echos, na choupana aerea
Em clamide siderea,
Dos mais se retrahindo !...

Um dia, ás pressas, diz o companheiro terno :
“ Nas flores das verbenas
Eu vou buscar sustento,
Aqui verás centeras ”
E foi, e ella calma, já enfeitava o ninho
Com especial carinho,
Temendo vir o inverno !

O dia se passara, e eil-a, receiosa.
Subio ás altas ramas
A ver se o via ao longe,
Apenas vio as chammas
Da ardencia da floresta... após longo gemido
Chorou o seu querido,
No pranteiar formosa !

.....
.....

E a triste definhara
A doce voz calara !

.....
.....

Que fim tivera o esposo,
Altivo e descuidoso?

.....
.....

O misero na matta em busca do sustento
Sonhando um paraizo,
Achara finalmente
Verbena e um narciso ;
Um caçador o vio... ligeiro, o tiro parte,
E dado foi com arte,
Ouvindo-se um lamento...

E o homem satisfeito, para o pombo corre
Depõe-n'ó sorridente,
Trophéo de uma victoria,
E foi-se a rir contente.
Passando pelo ninho, a esposa o reconhece,
De dor cae... enlanguece,
E mudamente morre !



NAUFRAGIO

Figuremos um caes, com rampas espaçosas,
N'uma grande cidade !... ah ! como luxuosas
São as ruas e praças ! Que edificios lindos
Que de arte são primores, colossaes, infindos ;
Abundam os palacios, praças, arvoredos,
Com vultos da Historia em bronze, firmes, quêdos
Mostrando a mão erguida á immensa multidão
Os gloriosos fastos de uma geração !

.....
.....

Sobre as pedras do caes, murmura o oceano
Um pelago de horror, mas a sorrir humano
Onde brinca a gaivota em ondas de cristal
Nadando sobre a espuma, sem prever o mal,
Sustenta elle co'a presa a lhe sorrir qual Nero
Pacificos abraços !... oh ! que monstro fero
Não é o verde mar, aonde se balouça
Ao movimento d'agua, sem que della se ouça
Siquer o murmurio ! e como um negro corvo,
Um vaso todo ufano, ao qual nem um estorvo
Prendia as novas velas, fortes, altaneiras

A namorar as brisas e a tremer faceiras,
Anciosas esperando o ultimo signal,
Saudando o oceano, no seu largo umbral.

.....
.....

Immenso é o movimento !... em cima, no convez,
Se vêem senhoras, homens, e no gurupés,
Crianças saltitando, loucas, descuidosas,
Se crendo no seu lar, traquinas e formosas !

Silvou agudo apito... levantou-se o ferro...
A marinhagem, louca, salta um alto berro
De uma alegria infrene... ha muito estão parados
Já mortos de marasmo, estão enfasiados.
E á voz de "larga !" um urrah de contentamento
Se ergueu da marinhagem !... refrega do vento
As velas abraçou !

Agora, analysemos:

Desçamos ao salão e nelle penetremos.
E' tudo novo e bom, e mesmo luxuoso ;
Aqui, ha um piano, alli, luxurioso
Um pé de planta está, em vaso barracento
Com flores de ouro e azul, e frisos de cinzento.
Mas ah! que não parece, que esta planta bella
No salitroso aroma, e ao silvo da procella
Podesse ahi florir !...

Assim é o talento,
Expontaneo germina, n'um sorrir sedento
Pousando soberano, ou lá no regio paço,
Ou do camponio a fonte, em dulçuroso abraço
Que off'rece todo ufano em paternal affecto
Ao rei, ao pobre, ao rico, elle sorri dilecto...

.....
.....

Os dias vão passando em meiga convivencia,
No mar, tudo respira uns ares de innocencia,
N'um goso immenso estão os passageiros todos,
Grangeiam-se amisades fóra desses lôdos
Putriferos das salas, onde reina a febre
Da intriga e menospreso, no fulgir alegre !
As moças, 'stão sentadas, lendo, ou costurando,
Alguma sonhadora escreve se inspirando
E' quasi natural haver até namoro
Poetico, singelo no harmonio coro.
O joven commandante é todo officioso
A uma lourasinha, em gestos de amoroso
Conta um romance — o seu, em meigo segredar
Que a mesma toda rubra, escuta sem olhar !
A onda é a confidente, o ceu, sua esperança ;
Que de horas de prazer !... que achego de bonança!

.....
.....
E' noite ! a branca lua no lençol de prata
Em o sidereo alvor que a solidão retrata,
Matiza a criação !

E nos embates lentos de umas ondas calmas,
Beijavam as traquinas multicores palmas
Que nadam em porção !

E ao longe, se estendia o vacuo e a immensidade
Despertando, talvez, quem sabe, uma saudade
Que se deixára atraz !

Não sei porque, a lua sobre o oceano
Desperta um sonho vago, a nos sorrir tyranno
Prendendo-nos fugaz !

Dolorosa impressão nos vem causar a lua
Com sua argentea face esplendurosa e nua
No abraço universal !

Que a fronte se enrubescce e olha o infinito,
O peito se confrange, ao ether sobe afflicto
Em dôr descommunal !

.....
.....

Lá vae todo garboso na ridente esteira,
Veloz, na correria esplendida e rasteira.

No tepido silencio em que jazia a noite
O vento meditava impavido um açoite.

O echo despertou-se em voz amargurada
Trahindo levemente um'alma apaixonada.

Cantava... alguém delira em louco desvario...
E' grato ouvir do amor, o sonho em murmurio.

“ Mulher, meiga visão dos meus anhelos,
Não me fujas assim !
Vem, loura e casta rosa, no meu peito
Fazer o teu jardim.

Que eu dou como o teu ceu... os meus affectos,
Risonhos no florir !
Não temas o tufão, mulher etherea,
Aqui podes dormir !

Helena ! o oceano é vasto e immenso,
Tem minas de coral !
Disperta, oh flor de neve... e vamos juntos
A' tumba sepulchral !

Morrer?... se tendo um leito... um mar de rosas
Com beijos mil de amor...
Daria muitas vidas por tal morte,
Daria, minha flor !...

Daria minhas crenças, meus suspiros,
Daria, tu não crês ?
Expando a minha voz neste momento
N'um canto, tu não vês ? !

Quem dera que o iman dos affectos
A ti prendesse assim !...
Quem déra eu de joelhos..."
Ah !... não terminára...

Um horrído tufão a phrase, lhe cortára,
Medonho vagalhão sobre o convez bateu.
Estranho, sem igual, o mar estremeceu,
O tempo transtornou-se em lubrica agonia
No seu profundo abysmo, atroz, a agua rugia,
O ceu tornou-se negro, a lua, se escondera
Em vez da mansa vaga, lhana, feiticeira
Em furia, se abraçavam n'um cruel combate
Em horrída voragem, sem achar empate
Arrebatando tudo !...

Os raios se cruzavam,
Sucedem-se os trovões! os mastros estalavam,
Os gritos de pavôr ensurdeciam os ares,
Aqui e alli tombavam fóra dos lugares
No chão, em estilhaços, com tinir ferino,
A louça japoneza e o cristal mais fino !
.....

Dando ordens apressado, o commandante estava
Mandando derrubar os mastros, e cortava
Com os seus marinheiros, toda a enxarcia....
Mas nada lhes valeo... a agua já descia

Affoita nas escadas, encontrando em gritos
De commover a Deus, os peitos que afflictos
Pediam protecção !... mulheres e crianças
Que a pouco tinham fé, sorrindo de esperanças
De chegarem ao fim da sua romaria,
Crendo abraçar um pai, esposo, irmão, amigo,
Risonhos, se quedavam, sem temer perigo !...

.....
.....

As ondas n'um assalto, indomitas quebraram
O castello e a quilha, e doudas, os levaram !

.....
.....

Ao rugir da tormenta um raio illuminára
Do mar a vastidão !
Por sobre a fragil tabua fluctuava a esmo
Na densa cerração :

Dois vultos abraçados .. um é louro, debil,
De medo desmaiou !
O outro, como um louco, as faces bafejando,
N'um beijo, a dispertou !

E a tabua foi sumir-se lenta, e pouco e pouco
Nas brumeas amplidões.
A medonha catastrophe unira p'ra sempre
Em um, dois corações !...

.....
.....

Que fim tivera o resto do naufragio infausto ?
Sô quem o sabe, é Deus !
Que sobra desta scena gemebunda e feia ?
O mar sem fim, e os ceus !...



 NATAL DO POBRE

E' fetida a mansarda, nua, sem abrigo,
Apenas dois caixões, com uma esteira, além !
Um triste candieiro frouxa luz derrama,
Clareia tenuemente a quem entrando vem !

E' pobre este quartinho... ai quanta dor concentra !
São dous os vultos que entram, conheci-os eu !
Sentara-se o primeiro sobre a nua esteira,
Prostrara-se o segundo ante o regaço seu !

Dos dous, um rapazito, doze annos conta ;
A fronte é espaçosa e o semblante, chão ;
Já tem grosseira a pelle, tem cabello inculto,
Os pés estão descalços, tem callosa a mão !

“ Oh mãe ! que fome eu sinto, ai q'ella atroz me mata
Nós somos os precitos desta vida ruim.
Andei, o dia inteiro em busca de trabalho,
Sem forças, quasi morto, estás me vendo assim.”

A mãe pedira esmola, e, nesse dia santo,
Se quer um pão commum, lhe deram p'ra comer ;
E ella, a pobresinha, fraquejante andara,
Voltando ao pobre lar, sentia-se morrer.

Cedera á fome exhausta ! ai quanto é triste o quadro
Do pobre sem natal, do triste sem irmão !
Qu'interminas torturas vê-se nestes rostos,
De Ruth, sem Booz; Moysés, sem promessaõ !

O pobre não tem patria, é patria qualquer ninho...
Moysés, é todo aquelle que buscando está
Descanço n'um abrigo promettido e certo,
Que dê a paz e a vida, e arrimo, aqui, e lá.



 **TESTAMENTO**

(IMITAÇÃO)

Nua estava a senzalla ! apenas uma tabua
Jazia quasi á tóa, sobre um canto nú !
Ali... o pote d'agua, além a pobre arca,
Ah ! que pobreza immensa e que desprezo crú !

Sobre esta dura cama, um pobre negro velho
Estava a expirar, sem ter nem uma luz !
A frouxa claridade que inda ali reinava
Pousando sobre o quarto, o allumiava a flux !

Um filho pequenino foi dizer lá fóra
Que o pae 'stava morrendo, e que elle estava só !
A's pressas vem a esposa, ao peito o conchegara,
Chorando commovida de resabio e dó !

Veio a senhora moça, a sua predilecta,
Pegou nas frias mãos, se ajoelhou ao pé;
Ergueu o moribundo os olhos n'um sorriso,
Naquella pobre alma inda restava a fé.

“ Ah minha sinhá moça !... o seu escravo velho
Sentia bem morrer sem ver a *vossemecê*...
A morte já me abraça, mas eu vejo ainda
A si, a quem amei ! que bôa, aqui, me vê !

Seu preto nada tem p'ra lhe deixar, senhora,
Além de um peito nobre, e que sincero a amou !
Porém, naquella caixa, existem dez moedas,
Premicias que o suor, um dia me legou !

Bem sei que é fraca a offerta, e muito humilde, embora;
Mas, não a desprezeis, oh anjo deste lar !
Seja ella a rude paga destas mãos callosas,
Que sentem-se felizes d'entre a vossa estar...

.....

E nada mais dissera ! e curva a negra fronte,
As mãos da sinhá moça, aos labios seus collou !
Ampara o pobre escravo ao collo esbelto, puro,
Por sobre o frio rosto um beijo seu, pousou !

.....

Sublime acção foi esta ! o leito mortuario
Abate o poderoso e o faz curvar no chão.
A tabua do captivo, hombraia um fausto leito,
A morte tudo iguala, a ella é tudo irmão !



A MEMORIA

DE

GONÇALVES CRESPO

Poeta ! inda no tum'lo eu vou saudar-te,
Bem o mereces tu, quem igualar-te
 Em mimo, em riso, em dor !
Quem como tu, cantou tanta doçura,
E os versos, maviosos de frescura,
 Suaves no amor ?!

Quem já pôde afinar os seus harpejos,
Com accordes do ceu, ternos lampejos,
 Sonoros, divinaes....
E quem, já extasiou pela belleza,
Nas quadras de formosa singeleza,
 Nas dores, ou nos ais?!

Morreste ? muito embora ! mas teus cantos
Impressos jazerão ! são doces, santos,
 Aqui hão de ficar !
Um genio, como tu, mesmo inda morto,
Que teve um chão de rosas como um horto,
 Se pode eternisar !

Que orgulho nós não temos, oh poeta,
De ver o nome teu, como um athleta,
Nas terras Européas!
E dentre essa phalange de talentos,
Reinavas sobranceiro, e os portentos
Bebiam-te as idéas !

Si hoje um negro veu teu vulto encobre,
A fama é sempre a mesma, e absorve
Toda a admiração !
Por ti, meigo cantor, tão mavioso,
Que tinhas nessa lyra um tom vibroso
De meiga inspiração !

Deponho em reverencia uma saudade,
D'envolta com a dor e a piedade,
Na triste lage fria!
Teu nome é a legenda que ella encerra,
O bardo que cobrio a fria terra,
No ceu, se extasia !



 UMA ROSA BRANCA

(Improviso)

Oh flor, eu vou cortar a verde rama
Que te faz tão airosa e tão gentil ;
Quanto invejo eu a côr das tuas folhas,
E o garbo desse tronco senhoril !

Que é isto ? enlangueste ? pois tu pensas
Que eu vá te maltratar ? não, minha flor !
Vou dar-te como leito o niveo collo,
E nelle ficarás com brilho e côr.

Vás ser eterno emblema dos meus cantos,
Comtigo, sorridente heide eu findar ;
E' grato o teu aroma, oh flor mimosa,
Por sobre o peito meu vem repousar.



A ENGEITADA

As sombras da tarde cahiam tristonhas
Nas aguas do mar !
Ao longe, rugiam as aguas de prata,
No seu murmurar !

A praia é deserta, as conchas lastravam
A humida areia.
A lua surgira na argentea brancura
Da luz que a rodeia !

Os rudes fragedos, que bordam as aguas,
Desprendem gemidos!
Que o mar, n'alta furia os occulta luctando
Nos féros grunhidos.

N'um cerro da praia, cercado de silvas,
Se vê a cabana
Com tecto de folhas, paredes de barro,
Alteia-se ilhana !

Um grupo de moças passeiam na praia
Risonhas estão !
Apanham conchinhas que trazem as ondas,
E loucas se vão !

Ao longe, uma vela, tão branca, qual garça,
Distante se via !
O vasto horizonte, abri-la os braços,
E a vela fugia !

Ouviu-se uma voz, sonora, e tristonha,
Fraquinha e gentil.
A voz que sai d'alma, n'um tom expressivo,
Formoso e subtil.

.....
.....

Assim dizia,
Com melodia.

.....
.....

“ Quanto é triste, oh meu Deus ! nesta vida,
O lutar-se com ella em baldão,
Nem esp'rança se quer fementida,
Vir pousar neste meu coração !

Quanto é triste, oh Senhor, desde o berço,
Não gosar-se de um riso, sequer.
Ter um nome... e jazer encoberto
E morrer, sem um nome, se ter !

Ter um nome?... o primeiro, mais nada,
Nem familia, parentes, nem lar!
Ser-me affagos as sombras das ondas,
Ser-me os beijos as vagas do mar!

Ser tão loura, mimosa, bonita
Que podera fulgir n'um salão,
Ter pés nus... rota a saia, e tão pobre,
Ver-me preza de atroz maldicção!

Engeitada! ai que triste epitaphio
Se despreza a engeitada, oh sim!
Engeitada é ser reprobada sempre,
Muito embora sem culpa por fim.

Quem engeita um filhinho innocente
Não é mãe!... é qual fera, cruel;
Desprezar-se um anginho que ri-se
E' fazel-o infeliz a tropel!

E depois, quando a morte nos beija,
Nem lá mesmo inda um nome se tem!
Uma cruz é somente o conforto
Do desprezo que teve-se alem!

Quem me dera que um dia eu soubesse
Quem no mundo me dera o nascer!
Perdoava n'um beijo as agruras,
Perdoando eu quizera morrer!

Perdoava os espinhos agrestes
Que me ferem os pés a doer!
Por um beijo da mãe a quem amo
Dava em riso este amargo soffrer!

Mãe ! oh mãe ! onde quer que repouzes
Abre os braços, me affaga tambem;
Mas, eu sonho !... sou filha das trevas,
Pariá que arrojaram de alem !

Nunca tive um sorriso na vida,
Oh quem dera, quem dera morrer !
Sem ter paes, e vivendo ás esmollas
E' ter horto de atroz padecer !

.....

Não mais se ouviu
E o mar rugindo
A voz—sumio !

.....
.....

A lua desenha seus frizos de prata
N'um vulto que vem !
Traz feixe de lenha na loura cabeça,
Na saia tambem !

Que linda menina ! nem inda contava
Quinze annos se quer!
As formas são bellas, andar gracioso,
Perfil de mulher !

E o pezo que tinha a pobre franzina
Andar mal podia ;
Nos seixos da praia ferira os pezinhos
E agora gemia !

Entrando na choça, e em muda agonia
Exangue pendeo.
Feliz era agora... findára as agruras
E calma morreo !

E lá nas alturas, nos montes de rozas
Conforto ella achou;
Da terra o desprezo transforma-se em flores
Que a fronte lhe ornou !

.....

As moças subiram ao cêrro, e entrarão
Na pobre cazinha
E virão a triste cahida na palha,
Formosa e magrinha

Brilhava no peito virgineo, adoravel
Custosa medalha;
Alguem abre a chapa, tremendo recúa
Tombando na palha.

As outras, sorpresas, com meigas caricias
Os collos lhe derão.
A misera cria n'um sonho de inferno
O mal que fizerão !

—Que tens, commovidas perguntão-lhe ellas
Nas ancias do affan;
N'um agro soluço aponta o cadaver
E diz : “Minha irmã”!!!



REALIDADE

Em uma longa estrada, em ruas de baunilha,
Passeia uma senhora, ativa e descuidosa :
Respira mocidade, é, no pizar vaidosa,
Se envolve em tenue véo, riquíssima escomilha.

Alguem se lhe dirige; é uma velha feia
Coberta com um ló e roupas tristes, frouxas,
Na mão tem um raminho de perpetuas rôxas
De envolta a uma foice, que o sorrir mareia!

“Quem és tu, lhe pergunta a dama assoberbada,
Que vens tolher o passo a mim, que rica sou !
Formosa, senhoril, o meu poder não dou
Por cousa alguma, crê, ou nobre, ou invejada.”

—Responde-lhe a velhinha:

—“Eu sou gigante, atleta
Tão grande como o mundo, imenso como Deus!
Ninguém me empata andar, eu vou da terra aos céos,
Osculo o rico e o pobre, esmago tudo quieta! ”

—“Quem és também: responde!”

—Eu tenho um nome—a vida!”

—“Pois sou maior que tu—a morte, é que me chamo;
Vês?! esta foice prostra, e pelo chão derramo
As flores ideias, a pet’la a mais querida!”



PREITO

Á MEMORIA DO GRANDE PATRIOTA E DISTINCTO POETA

O CONSELHEIRO JOSE' BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

(Distribuido no theatro de S. Isabel, na sessão funebre de
25 de Novembro de 86)

Eu venho, com a lyra brazileira
Envolta em denso crepe, em dor que chora,
Depôr aqui meu estro, que descóra;
Render esta homenagem derradeira.

Que a patria, em commoção attribulada,
Do Norte ao Sul, prestara ao vulto amigo...
“ Irmão,—lhe diz o poeta—oh! vem commigo:
Não vês a tua effigie aureolada ?!! ”

E elle, o grande homem, Genio altivo,
Das muzas, o dilecto, o bom tribuno,
De lá da esphera azul, brada captivo:

“ *Andradas* ha de haver: sigão-me os trilhos,
Que heróes mais surgirão na patria Historia,
Ao Brazil são mister de *Andrada* os filhos!...”



A UMA FOLHA ROTA

Ah ! que tristeza immensa eu não sinto
A olhar para ti, folha sem côr !
Pareces um cadaver n'um sudario,
Triste, exangue, e sepulto em louca dor !

Diz, oh folha, quem foi que lacerou-te,
Diz... diz... quem impiedoso te ferio !
Sobre ti escrevera um verso casto,
Dictado no sentir que o traduzio !...

Diz, folha, d'onde foi que te arrancaram
N'um odio tão atroz, sem compaixão;
A folha tristemente me responde:
"Rasgaram-me assim... do coração !"



CONTRICTA

Não sei mesmo o que sinto e o que penso
Ao entrar em um templo, onde o sacrario
Infunde respeitoso acatamento
Nesse alvor da cortina do sudario,

Que occulta a especie santa dos olhares
Profanos, indiscretos, sem respeito;
Cruzo as mãos, n ovo os labios reverentes
E a Deus eu, na minh'alma, rendo um preito !

Que a mesma se desprende toda pura
Em focos, vae beijar a Divindade,
Em demanda das flores da ventura.

Que ao sahir deste extase dourado,
Eu sinto dentro em mim almo consolo
Que só n'uma oração póde ser dado !



MORRENDO

A' AMELIA BASTOS

Morrendo, que importam-me as gallas do mundo,
Vã gloria que desce com quem se enterrou !
Sou pobre... e direitos não tenho eu ás gallas
Que a torpe vaidade em escarneo plantou !

Morrendo, me envolvam na triste mortalha,
Deponham meu corpo em o negro caixão,
E um ai compassivo, me deem doridos,
E o lancem na valla do gelido chão !

E lá, nessa valla vulgar, solitaria,
Não chegam da vida nem prantos, nem ais !
Nem agras torturas dos crús dissabores,
Nem pousam torpezas, nem dores a mais.

E lá nesse campo de paz e verdura,
Lá, onde se abraçam o verme e a flor,
Descanço p'ra sempre dos gêlos da vida,
Repouso nas veigas de eterno frescor !

E lá... ao cicio do verde cypreste,
Lá, onde se expande tranquillo o luar,
Se dorme p'ra sempre n'um leito de flores,
Envolto n'um somno de mago sonhar.

Na gélida terra punhados de rosas
Eu peço que estendam, que a estas amei !
Só ellas me foram constantes amigas,
Com ellas, na vida, ridente eu me achei !

Por isso me deitem cercada de rosas,
E a lyra e os meus versos, meus livros tambem,
Repleto o meu leito de folhas e flores,
Eu durmo p'ra sempre, sentindo-me bem !



A CAPRICHOSA

A sala é esteirada. . . os moveis, de Remigio,
Dunkerques, porta-flores, albums de charão;
As rendas das cortinas pelo chão se espargem,
Alli, um mimo d'arte, atoa, sobre o chão !

N'um Pleyel luxuoso, sob a capa verde
Se vê modesta joven, que das tec'las vae
Tirando sons plantivos, divinaes lamentos
De um'alma toda artista, que a gemer descae.

.....
.....

N'um quarto pequenino, em leito d'alvas rendas
Se envolve uma menina; as faces são romãs,
Ouvira o meigo accorde, e adormeceu de novo,
Temendo ver o sol das tropicaes manhãs !

Um beijo sobre a fronte a custo a despertara,
—“Meu Deus, p'ra que me acordam, deixem-me dormir!
—“Desperta, Esther, a mestra a muito que te aguarda,
Arranca do piano harpejos, vae ouvir.

—Qu'importa ? ella que espere, ou antes, vá embora,
Massante, que tão cedo vem me despertar
A mim, que pago caro, a quem você se curva,
Tirar-me assim de prompto desse bem-estar ?!”

—“Mas não, filhinha, t'ergue e vae saudal-a ao menos,
Pedir uma desculpa, ou dar tua lição.”

—“Não quero ! eu já detesto vel-a tantas vezes,
Agora estou deitada, eu não me êrgo, não !”

.....
.....

—“Senhora, nos desculpe, a minha filha hoje
No leito inda se envolve, adormecida está ;
Bem vê que o despertal-a é ser cruel, teimosa,
Não ousou incomodal-a, agora vim de lá !...”

E a joven, n'um sorriso, se levanta prestes,
As peças que levava, calma, as enrolou ;
“Oh quanto é caprichosa uma menina rica !”
Descendo a escadaria, a sós, o murmurou.



A MORTE DA VIRGEM

A' MEMORIA DE UMA AMIGA

Foi ao romper da aurora ! a alcova é pequenina,
De branco está forrada, e vê-se o bem-estar;
Um leito de alva roupa occulta a moribunda,
Um Christo de marfim derrama tenro olhar.

Bem junto á cabeceira, a estatua de Maria
Vellando, como mãe, sorri no meditar;
Á roda tristemente via-se a familia
Aquellas frias mãos, em prantos, affagar.

Nas rendas da almofada, o rosto alabastrino
Estava tão tranquillo e pallido a sorrir !...
Nos ares de ventura, eterna, doce, infinda,
Que gosa quem é chão, no placido dormir.

O meigo olhar sin'elo o fita já turvado,
Cruzando as alvas mãos, ao peito as conchegou;
De vez em quando eleva os olhos para a imagem,
Um longo e terno ai os labios lhe agitou !

Pedio uma thesoura e corta os fios de ouro,
Os distribue sem pena e sem soltar um ai !
Com frios labios beija a mãe, que tanto amara,
E a pallida cabeça sobre o leito cae !

Morrer !... e o que é a morte ?—apenas mago sonho,
Do qual na eternidade vamos despertar;
Deixar-se para sempre um mundo injurioso,
Nos deve ser um bem, um quêdo repousar.

Morrer é redimir-se, o captiveiro finda,
O involucro se quebra, o extase o irradia,
Findando a missão nobre, que a tivera presa,
Se curva á lei que a rege e ebria se extasia.

Morrer quando se é anjo?! oh! que ventura immensa!
Que dulciantes risos nos prepara os céos !
Desprende-se a materia... o que importa á lama,
Se lá, na eternidade, tudo falla em Deus ?!



AMOR

A UMA INGENUA

Amor, é o vago arrulo d'avesinha em threnos,
Amor, é o ninho artista, que só Deus creou !
Amor, é nota argentea das canções terrenas,
Que a virgem natureza em graça a modulou !

Amor, nos diz o echo desses sons longinquos,
Trazidos pela brisa, em ais, ao coração,
Com arte murmurando em laranjal florido,
Que as boças do sentir o abraça em effusão.

Os raios d'alva lua vêm descendo lentos,
Quem ama se embevece ante o seu doce alvor;
Artista, se arrebatada ante a paisagem d'alma,
Nas sombras, nos contornos, é pincel amor !

.....
.....

Cuidado, que és bem moça ! amor é mero brinco,
N'um rio de topazio em ondas desiguaes;
Occulta a dôr intensa no brilhar sereno,
No vôo horripellante, abysmos infernaes.

E' meiga fada, a uns, com as roupagens breves,
A outros é cicuta, esse veneno atroz;
A ti será talvez essa ambrosia d'alma,
Superficial sustento, que envenena a nós !



UM SUSPIRO

Vae, pallido suspiro, em nuvens de ouro,
Repousa n'amplidão, te purifica
 Nos prados divinaes !
Desprende-te do lôdo das agruras
Que respiram miasmas pestilentos
 Dos gessos sepulchae!

Minh'alma, abstrahida, entôa um canto,
Se envolve no pallor que a purifica,
 Sentindo um bem assim !
Nos rosaes de um profundo sentimento
Recolho essa fragrancia, que embriaga,
 Em flocos de carmim.

Eu sinto o doce allivio no suspiro,
Se a saudade o produz!... quem não o abraça,
 Em magoa pertinaz ?
Como balsamo ás chagas cancerosas,
Criadas pelas balas do morteiro
 Da ingravidão voraz !



 UMA VENTAROLA

(A pedido)

Vou enviar aqui uma caricia
A ti, a quem estimo tanto, tanto,
Com veras de afeição.
Por sobre esta alva sêda, deixo escripto
Meu nome juncto ao teu... e que traduza
A voz do coração.



 MESTRE

AO DR. AFFONSO OLINDENSE R. DE SOUZA

Eu vejo aberta a tenda do infinito:
Que ardencia no labor, e que fremito
Se vê nesta officina, que dirige,
Enchugando o suor, tudo corrige
Na faina do trabalho—Jehovah!
Com ardor, bate o malho, aqui e lá...
E' typographo, ferreiro e alchimista,
O sabio das proezas da conquista
Dos Alpes da razão... Eil-o no prélo
Compondo o alphabeto audaz e bello
Que rege as gerações, e que é bemdicto
O sabio instruidor, o Paraclito
Enviado do ceu, por Deus formado,
Que pelas suas mãos foi modelado
Na sua altipotencia creadora,
N'adhesão de uma esphera productora,
No fogo cerebral que deu ao livro
Um mestre poderoso, audaz, altivo,
O mestre sem igual, que mestres crêa
E traça os alicerces de uma idéa !

.....
.....

Lá no vasto recinto ajoelhados
Um pleiade invicta, admirados,
Anceiam pelo pão, sustento farto,
Que assombra as gerações, no immenso parto,
Ostenta Jehovah extase infindo,
Bafeja sobre o li ro, ah ! como é lindo !
E o vae distribuindo por aquelles
Apost'los da cruzada que vê nelles
A cruz de um mundo novo, a rara idéa,
O mundo evolutivo que se alteia !
No assento musical diz ufanoso
No desprender de um laivo fulguroso :

* *
* *

“ Apost'lo da humanidade,
Vou dar-te o sceptro de rei,
E' tua a immensidade,
Planta co'o livro uma lei.
Forjou-o minha bondade,
Bafeja-o minha vontade,
Imprimio-o meu querer !
Não temas a tempestade,
Em ondas de claridade
Dou-te a força p'ra vencer.

Corre, vôa, e em meu nome
Instrue a humanidade,
E no futuro o renome
Tributa á posteridade ;
A instrucção dará força
Que voará como a corça,
Que breve se achega ao fim !
E' essa a vontade minha,
Avante, pois, e caminha,
Vaes escudado por mim.

Sustenta lucta renhida,
Mas não curves tua fronte,
Serás qual ouro, na vida;
Vaes ser a rosa do monte,
Por mim plantada e colhida,
Ao meu jardim recolhida,
Sendo estufa — o meu querer!
Apost'lo da humanidade,
E' tua essa immensidade,
Has de seguir e vencer."



A PECCADORA

Vede-a ! lá vae feliz por entre as lindas rendas,
E' falso aquelle brilho, e encobre o amargor;
O rir tão gracioso, que ella solta algures,
Talvez que n'elle occulte uma profunda dor.

A sorte é quem a manda, e lhe obedece a louca,
Sentindo-se impellida a proceder assim !
A vida é uma farça e ella, actriz forçada,
Aceita o seu papel, com elle vae ao fim.

As joias que lhe enfeitam esses braços bellos,
As sedas que ella veste, e o luxo que ella traz,
São falsos europeis que vão casar aos risos
Com amargura infinda, cruel, atroz, mordaz !

E olha com desdem ao mundo que a despresa,
Altiva vae passando e não vê a ninguem.
Offusca-se nas gallas, no prazer das festas,
E não vê a miseria, que lhe acena além !...

Findou-se a mocidade... as cores se definham
Já vê-se abandonada e doente e triste e só!
A enxerga, de uma esmola, no hospital a espera,
Que sina desditosa, ah! quanta magua e dó!...

Aquelles, que a cercaram, bem depressa fogem,
Não mais conhecem esta... a pallida visão,
Atiram-lhe uma esmola n'um olhar de asco
A quem agora implora um pobre e amargo pão!

.....
.....

E' vil madrasta a sorte, e a triste peccadora
Sentia-se impellida a proceder assim,
O mundo é uma farça e ella, actriz forçada,
Aceita o seu papel, com elle vae ao fim!



A VIDA

Oh! miseravel grão de poeira immundo,
Que tantos dissabores nos has dado,
Reclina-te no lôdo onde nasceste,
Terás cumprido assim teu duro fado.

Ao nascer, o que se ouve ? um grito immenso,
Synonymo de dor, já de pezar !
Introito para as luctas do futuro
Que visam um só fim — exterminar !

Si a uns dás um sorriso, graciosa,
Tu mentes inda mesmo no sorriso,
Occultando o que tens de venenosa !...

Que o incauto não julgando traiçoeiro
E, crendo o teu sorrir um paraizo,
Oscula a tua essencia perigosa !...



  RTISTA

Entremos no atelier de um grande artista.
Que se descobre alli... o que se avista?
A pedra ainda em bruta singeleza,
Onde o buril estreia uma belleza,
Estatua ou flor, columna, ou arabescos
De uma escola qualquer, em gigantescos
Primores deslumbrantes que extasiam
Aos que serenamente os apreciam !

.....
O dia vem raiando !... amanhecera !
O sol todo ufanoso já estendera
O véo ébrio de luz... cheio de côres
No seu matiz sem fim... a rir primores
Por sobre a natureza allumiando
O templo deste artista... bafejando
O santuario, onde o Deus é o trabalho,
O insenso—é o poder da trolha ou malho.
Está vasia a sala...

Eil-o que chega !
E' homem vigoroso que conchega
No altar de seu trabalho o rico e o pobre,
Com riso sempre alegre, não descobre
Se quer uma agonia... bom e chão,
Labóra sem cessar para ter pão !

Affaga os instrumentos com bondade,
Sorrindo no cantar, que anciedade
Não vê-se no olhar?!...

Com maestria

Vae desgastando o marmor que valia
Agora uma fortuna!... Pouco a pouco
Lhe dera a forma airosa, e como um louco,
Feliz, já fez surgir um mimo d'arte,
Satisfeito ficou... enchuga em parte
As gottas do suor... benção materna
Que não morre jámais, que é sempre terna!...

.....
.....
Alem n'outra officina, vê-se ainda
Um outro bom artista... ai quão infinda
Não será seu lidar no cavallette!
Já tem o esboço prompto... e como enfeito
Ao lado tem pinceis, a tinta feita.
Faz um traço mão firme, n'arte affeita,
Que linhas tão correctas... mãos á obra,
E assim se faz um quadro, e se desdobra
A intelligencia audaz! oh quanto é bella
A mystica officina, o plano, e a tella!
Moderno Raphael terá um dia
Do mundo as ovações n'uma alegria.

.....
.....
Eu vou apresentar mais um artista,
Talvez que a minha penna não resista,
Se quebre sem dever no devaneio,
No arrojo do querer... oh! que receio!
.....
Seja homem, ou mulher... esse é ousado!
E' noite... ao candieiro eil-o abraçado,
Tem juncto a si papel e penna e tinta;
E' pobre, e é modesto... tem distincta
Belleza pessoal... o porte altivo,
No olhar o fulgir ridente, vivo,
Espaçosa é a frente... mão nervosa,

Escreve sempre, sempre, em verso ou prosa !
Contempla o seu trabalho... achou malfeito,
Sem nexo, quasi rude... vão, sem geito,
Ligeiro passa um risco e, como artista,
Se apressa em transformar desde que avista
A phrase não igual !... inda corrige,
Relê o que escreveu... e que lhe exige
Repouso e meditar... termina agora,
Parece-lhe estar bom... é que nest' hora
Teve uma inspiração—o sentimento !
Expontaneo no véo do pensamento
Tem palheta—é a phrase, o pincel—penna,
As tintas, as imagens que em centena
Lhe vem n'um murmurar...

Eis prompto o quadro
Com sombra e muita luz no matizado,
Tem traços d'ouro e azul, não que resista
Ao perpassar dos annos, pois que a artista
Que o fez não tem talento... é vacillante
E o pintou no arrojo de um instante.



 PIRATA

(Apóz a leitura de um romance de Cooper)

Branca vella no horisonte
Por sobre as vagas do mar,
Se divulga muito ao louge,
Qual gentil garça a nadar,
E as brisas, feiticeiras,
S'emballam meigas, ligeiras
No seu doce murmurar;
O céo é azul, serêno,
O mar está calmo e amêno,
Vindo na areia brincar !

Um navio esbelto e lindo
No verde mar assomou ;
Um beijo das brancas vagas
Sobre o seu bordo pousou,
Indo affagar, sobranceiras,
As vellás novas, inteiras,
Que de aljofar's borrhifou,
R lando depois submissas
Aos pés, em ternas caricias,
De um homem que alli chegou !

Veste de negro... os cabellos
Em desordem, eis que estão;
O olhar vagueia firme,
Faz um signal com a mão;
Ao seu apello, um grumete,
Trazendo um oc'lo, promette
Nas enxarcias vellar;
Em desdem elle afastou-se,
Sobre um mastro recostou-se,
E, calmo, fica a pensar !

Ficta ao longe as densas brumas,
Envoltas em branco véo;
Firme, encara resolutu
O sol que brilha no céo !
Muito além... lá no horisonte
Se vê as cristas do monte,
Onde ruge em escarcéo
O furacão, que medonho
Surge cómo um negro sonho,
Da immensidade um labéo.

“Patrão, lhe diz submisso
Marinheiro de ar feroz,
Acolá vejo um navio,
Tendo esse estandarte atroz,
Nosso gratuito inimigo;
Vemos de perto o perigo
Vir sobranceiro até nós.
E' preciso prevenir-nos,
Depressa d'aqui fugirmos.
Que o nosso leme é veloz !”

Uma risada de escarneo
Estridente reboou !
Os braços no forte peito,
Sobranceiro, elle os cruzou.
“ Eu espero resoluto
Da batalha o negro luto
Que um odio atroz me lançou.
Sou pirata ! e nesses mares
Estou affeito aos lidares,
Que venham, que eu aqui estou !

Fugir ? ! p'ra que ? ! se não temo
Nem mil balas, nem canhões,
Que o brio de um homem de honra
Não se curva a mil vilões!
Quando se tem alma nobre,
Não se mostra, mas se encobre
As ligeiras sensações;
E' mui nobre e soberana,
Reinando, como sultana,
Por sobre os vis corações ! ”

Mal terminára, uma bala
Sobre a cabeça passou;
Um odio feroz, tremendo,
Nos seus olhos fuzilou !
Manda avançar ao inimigo,
Não antevendo o perigo,
Com audacia elle marchou !
Arvorando o estandarte
Respeitado em toda parte,
“ Caça ao navio ! ” ordenou.

Foi bem sangrenta a batalha,
As balas cruzam no ar,
Tendo o céu por testemunha
E a immensidade do mar !
N'uma manobra gigante,
Ordenada n'um instante,
Fez o inimigo parar;
Lesto aborda o outro navio,
Pela espada o rude fio
Vio as cabeças rolar !

Apóz sangrenta batalha,
Para o seu bordo voltou,
Trazendo preso o piloto,
Que só da lucta restou!
Erguendo o seu porte altivo,
Com olhar possante e vivo
Ao horisonte apontou;
Reunio, depois, submissos
Aquelles que os compromissos
Os prendia, e assim fallon :

—“Aqui sou rei ! aqui mando !
Tenho subditos fieis
Que a meu aceno se curvam,
Me vindo beijar os pés !
Aqui sou rei ! o aureo brilho
Deste meu sceptro é um filho
Da lucta . . . não de europeis,
Que ornam o throno fôfo
Da realeza, onde o môfo
De baixezas são crueis !

Aqui sou rei !... e quem póde
Deste throno me arrancar ?
Tenho um sceptro:—a liberdade
De agir, e de luctar
Contra o infame despotismo
Que se abraça ao paroxismo
Dessa lucta, indo calcar
A poderosa affoiteza
Do manto que a realeza
Quer infrene se apossar !

Aqui sou rei !... quem duvida ?
Como um rei, no throno estou;
Como rei, tenho uma c'riôa,
Que a natureza dourou;
E' ella:—a minha vontade,
E o manto:— a fraternidade,
Que a evolução provocou !
E todo aquelle que lucta,
Arcando com a força bruta,
Diz orgulhoso:—Rei sou !”



A NAMORADEIRA

Era travessa e bella a louca trigueirinha,
Trajava no rigor, seu gesto é pueril;
Em frente a um espelho ai que de riso estuda,
Nas faces peregrinas põe carmim subtil.

Um riso de ahesão, que da vaidade insufla,
Faz crer que bem está. . . que effeito vae fazer;
Os dedos pequeninos pelos frizos passa,
Fulgura-lhe o olhar n'um laivo de prazer.

Aéria no pisar, a saia meio curta,
Deixava ver um pé de nova Cendrillon,
Que o salto a Luiz Quinze mais pequeno torna,
Seguindo assim o aviso do rigor do tom.

E vae para a varanda. . . o namorado passa:
E' um *petit crevet* da sala, é um leão;
As calças são estreitas, os botins, de ponta;
No peito traz, mimoso, um carmino botão.

Saúda, e mostra a carta, que do bolso tira,
Repleta de mil nadas de triviaes ficções,
Que a mesma, toda ufana, abrindo, a rir, estoura,
E a lê, como lê outra, assim... sem emoções.

Responde: oh quanta jura, que de amor mentido!
Não volatisa á pressa a essencia de uma flôr;
Não prostra em asco immenso as rosas dentre as cinzas
De um peito que se gela em tumular pallôr !...

O amor que mercadeja a essencia purpurina
Desse florido ramo de um celeste alvôr,
Destroe em pressa o peito, o asco o envolve infrene
Matando affeito o germen que produz:—amor !



DESCRENÇA

Já descri da ventura, que surgira
Do alvôr da phantasia a matizando,
A flôr da terna esp'rança já murchando
Saudosa e triste, para o chão cahira.

Ha muito estrophe linda nos affectos
Das almas, vãos enganos passageiros,
Como o sôpro dos ventos, vão ligeiros
Em busca de outros cêrros mais dilectos,

Pois o germen da esp'rança é immorredouro,
Murcha a flôr, mas o átomo ahi fica
Guardado qual recondito thesouro.

Si alguem o regeitar, Deus o acolhe ;
A essencia de um peito purifica
O amargo que da vida se recolhe !



 NINHO

Na macia plumagem do remanso
De onde ás pressas se affasta o pranto e a dor,
Um ninho eis que se tece manso e manso,
Vellado pelas faxas do rubor !

Um ninho casto e bom . . . tem a esposa
Nas calmas alegrias de seu lar !
Si o meigo companheiro ahi repousa,
Que ninho mais plumoso póde achar !

E' ninho sem igual, que amor bafeja,
E o faz ninho commum, que ninhos crêa:
A bençam da familia nelle adeja . . .

Mais um filho nasceu, como o roseia! . . .
O pae sorri alegre; a mãe se exalça
Feliz sobre esse ninho, o olhar realça.



ENTRE SEPULCHROS

N'UM DIA DE FINADOS

Curvemo-nos piedosos no respeito immenso
Que os tumulos inspiram, no carpir, na dor,
A baga qual orvalho vae pouzar na relva
Beijando as inscripções, a cruz, o pó, e a flor!

Curvemo-nos piedosos! que é descanso a morte
Dos túrbidos vexames de um cruel vae-vem!
O tum'lo é a guarida, a ultima e sincera
Que acena desde o berço, a soluçar de alem!

A terra é toda igual, uberrima, risonha
Acolhe o rico e o pobre, n'um abraço igual!
E junto ao mauzóleo, ou n'uma cruz singella
A flor cresce expontanea em rizo virginal.

Nas ruas de cyprestes, calmos, sós e tristes
Milhares de epitaphios vão ornar o pó,
Os marmores custosos com labores d'arte
Indicam a vaidade afoita, e rude, só!

A lugubre imponencia dos negrentos vultos
Que ondulam como sombras, p'ra qualquer lugar,
E tristes se ajoelham, reclinando as frentes,
Orando em muda prece, em louco soluçar.

As vellas que desmaiam com as roseas pet'las
Que tombam macilentas em cruel baldão
Vão matizar a valla, núa, pobre, e triste
Do filho sem ter pae; do orphão, sem irmão!

Que val pois esta vida! o que nos fere a vista?!...
Um verme a ver um verme, assim vindo a findar.
A náó da vida aporta a quilha á eternidade,
Remeiro é a consciencia, a vida, o fundo mar!

As ondas, a vaidade, os vãos ressentimentos;
Os chôpos, o resabio; abysmo, a ingratição;
Ressaca, os amargores, crús, e os desenganos;
Borrasca a desventura, a magoa, e a irrizão!!

O funebre cortejo deste dia amargo
Lembrando as affeições que mais não voltarão!!
Enlucta um peito alegre, e o pranto forma a c'roa
Que timida na dôr, lá vae rolar no chão.

Curvemo-nos piedosos, no respeito mudo
Que os tumulos inspiram, no carpir, na dor,
A baga qual orvalho, vae pouzar na relva
Ornando as inscrições, o pó, a cruz e a flor!



ÉPITAPHIO

À MEMORIA DE OCTAVIO HUDSON

(Improviso)

E' sorte a dos poetas a pobreza,
A par dos bellos dotes do talento;
Na lyra e nos seus cantos têm alento
Pr'a as chagas da miseria na crueza.

Que val um monte de ouro á bruta féra,
Que o instincto, só o insticto guia os passos?
Que valem notas vãs, que em estilhaços,
Ufanas, vão ornar a athmosphera?...

De nada, pois que o pó tudo confunde:
Só deixa intacto o nome immorredouro
Que aos pósteros respeito ainda infunde.

E esses, se curvando á tua sombra,
Osculam esse tum'lo aureolado,
Deixando o pranto frio sobre a alfombra.



PAR A WAY

A UM PROSCRIPTO

Nas phazes do destino, n'um paiz distante,
Se encontra muita vez o peito de um irmão;
Em cada tecto estranho a lealdade impera,
Dando ao proscripto amigo a santa redempção.

Ao longe o caminhante um frizo descobrira,
O sol que o alumiava, em pressa se affastou;
E o misero, no achego de uma fé sem nome,
Ao tecto que avistára em paz o demandou.

Qualquer que, sem ter patria, ou mesmo onde repouze,
Se achega á um sul longinquo, crendo a patria achar,
No peito amaldiçoando o norte, onde nascera,
Nativo se transforma em vista de outro ar.

Se curva agradecido á sombra do Carmello,
Esquece a patria ingrata, que lhe dera o ser;
Indaga a consciencia, que lhe diz: é justo,
Partilha o novo clima, o novo alvorecer !

Já vês que tudo é novo, e uma sombra culta
Te deu um lar ingenuo, o que tu queres mais?
Não voltes como ingrato, a tua patria é esta;
Proscripto, enxuga a fronte, aqui se apagam ais !



 CORAÇÃO

Qual perola do oceano, azul e calmo
Habita as profundezas do abysmo
Ahi, não teme o rude cataclysmo,
Repouza em sua concha, lêdo e almo!

Ah!... quão difficil é o arrancar-se
De um peito que palpita, um coração!
No mar, inda se apanha a concha á mão,
E' facil mergulhar, n'agua sumir-se.

Mas no peito que envolve palpitante
No sangue, em muita vida, o coração,
Vedado é penetrar-se inda um instante.

A propria natureza, assim ordena
Occultando-o n'um véo profundo e denso
A viver em mysterio, elle o condemna!...!



ANDALUZIA

(Imitação)

Formosa Andaluzia!... os teus encantos
Vêm dourar em um extase meus cantos
 Sonoros, cordiaes!
Mirando os alcantis do agreste cêrro
Poetizando eu aqui neste desterro,
 Uns prados ideiaes!

Formosa Andaluzia, os monumentos
Grandiosos, senhoris, os teus conventos
 E os teus jardins sem fim!
O alto e rude monte, chão, alpestre
Cercado de verdura, secca, e agreste
 Vem encantar-me sim!...

Formosa Andaluzia!... a serenata
Dedilhada ao teu luar de prata
 Te dá sorrisos mil!
Prendendo o estrangeiro nos encantos
Sonoros, na pujança de teus cantos
 De amores n'um redil.

As meigas senhoritas de teu seio
Sorrindo, sem querer, matam de aneio
De amor, ou de paixão!
No volver dos graciosos negros olhos
Oceano que attrae nos seus escolhos
A mais de um coração!

As rendas da formosa, agil mantilha
Vem casar-se risonha á escomilha
De negra ou verde côr!
Que enfeita os seus vestidos luxuosos,
Escuros, nos matizes magestosos,
De artistico primor!...

Travessas, doudejantes mariposas,
Sem querer, n'um abraço, são esposas
Do sol, que é seu irmão!
Os meneios graciosos, ondulantes,
Affagam em mil laivos susurrantes
Com ares de afeição!

Graciosas Andaluzas, quem me dera
Vossas graças gentis, ah! eu quizera
Nascer nesse paiz!
Aspirar o perfume desses montes,
Cantar ao susurrar das suas fontes
Meus versos pueris!...

Graciosas Andaluzas, no meu êrmo
A minha phantasia não põe termo
Ao murmurar sem fim!
Emprestai-me a guitarra graciosa,
Eu quero modular com voz queixosa
Um canto terno, sim!

Que eu dou-vos nesse canto um'alva rosa,
E dou-vos minha lyra tão formosa
Nos élos do sonhar!
Tomae!... somos irmãs na phantasia
Nas cordas desta lyra, Andaluzia
Te envio o meu trovar!"





AO DR. VICENTE FERRER DE BARROS W. E ARAUJO

E' clara a athmosphera, scintillam as estrellas,
A lua, no horisonte, vem pallida brilhar !
Que doce aragem tépida aformoseia o espaço,
O céo, de um puro anil, convida a meditar !

Que lindo palacete ! que bella architectura !
O marmor' de Carrara se abraça em profusão ;
As luzes, que scintillam, fazem doer a vista
Nos frisos luminosos, dourados, do salão.

Espelhos de Veneza, tapetes lá da Syrmna,
Moveis á renascença, quadros de Raphael,
Os vidros da Bohemia os olhos offuscavam.
As flores, em festões, dispersam-se a granel.

Era abundante a mesa, e os vinhos do Levante
D'envolta co'o champagne em taças de cristal,
Custosas iguarias, de Sévre as porcellanas
Aguçam o apetite de um homem trivial.

Que rostos tão formosos, que braços torneiados,
Gargantas de alvos cysnes, que risos tão gentis !
Que de olhos tão travessos, que graça e faceirice
Nao tinham as madonas, nos gestos senhoris !

As gazes, os velludos, as rendas e as sedas
Reunem-se ás joias, fazendo inebriar !
A per'la e a saphira, casadas á esmeralda,
Produzem tanto brilho, que os olhos vêm cegar !

A orchestra derramava, em musicas de Schubert,
Alegres, umas valsas modernas, ideiaes ;
Os pares, que valsejam, cançados, n'um fremito
Parando, se deleitam nas notas orchestraes !

Que arroubos, que perfumes, que lucidos momentos!
Que laivos bemfazejos se espalham no salão !
Os collos, que arfavam, soletram mil affectos
No sopro de um suspiro, que trahe uma emoção !

.....
.....

E a noite ia mui alta, sósinha, ah! eu pensava
Na turbulenta festa, que me cercava então;
Nesse prestigio fôfo de tudo quanto eu via
Criava a idifferença, matando o coração !

O baile é a comedia de um mundo despresivel,
Comedia muitas vezes que nos produz o mal,
Á qual se assiste alegre, e doida se acredita
Na phrase chã, rasteira, pueril e até venal !

Por entre os cortinados, cançada já de tédio,
Minh'alma se abysmava n'uma visão de luz:
Ergui-me... olhei á roda... e vi no chão já murchas
As flores, que ainda a pouco beijavam os collos nós.

Assim tudo termina !... nos bailes luxuosos
Oh! quanta vez se occulta nos rostos muita dor !
O rosto é uma masc'ra... o baile uma comedia
Que o mundo aceita sempre e applaude com calor !



A MASCARA

A mascara é o açoite, o latego sem nome,
Que fere sem doer, que dores vem causar;
Moderno arrelequin, no chiste seu, consome
A estulta consciencia, em duro atraçoar.

A mascara é a irrisão, mas irrisão precisa,
O povo se diverte, e a masc'ra folga atroz;
Às vezes, no seu chiste, uma licção deslisa,
Que prende e que amedronta a qualquer um de nós.

A mascara é o juiz e é tambem carrasco,
Se mostra Magdalena, e ás vezes D. João;
Nos seus picantes ditos tem assomos d'asco,
P'ra as salas é precisa uma cruel licção.

A masc'ra é uma ideia, e representa, louca,
As differentes eras, que já lá se vão !
Seja o truão eterno . . . a zombaria, é pouco,
Imponha, no seu riso, o jugo no salão.



A NUVEM

Á ESMERALDINA ESPIUCA

Querida ! porque adejas nesse espaço
Tão alva, tão ligeira, e pueril ?
Não corras, e não vóes tão altiva,
Deixando apoz de ti rasto subtil.

P'ra onde te diriges, oh formosa ?
Não fujas, vou contigo, espera ahí !
Amiga, vem prender-me em teu regaço,
Não quero mais, oh nuvem, 'star aqui !

Diz a nuvem:—“Não vês como eu te fujo ?
Assim foge a ventura, a vida, o amor;
Ás pressas, como eu, vem a desgraça
Envoltá no cortejo de uma dor !”

.....
.....

E a nuvem me fugio... fiquei surpresa,
Em duras reflexões eu me engolphei:
A vida é como a nuvem passageira,
Quem póde nella crer ? oh quem ? dizei !



ENTRE PALMEIRAS

Á ADALGIZA FERREIRA

Figure-se no campo, á luz da madrugada:
Que branda viração, que magestoso sul!
Como alma se desprende do terraqueo lôdo
E muda se transporta ao lar de eterno azul!

Azul é o pensamento, azul é a phantasia
Sob a impressão do Bello, em vago acalentar;
Ao despertar de um sonho, o sonho se etherisa,
E um mago sentimento em nós vêm segredar.

A sombra leve e densa, em que se immerge a noite
No cerebro febril um raio me deixou;
Um peito que morrêra, um estro que fugira,
N'um duo se elevaram, um sonho os agrupou.

O astro diamantino, alvôr da madrugada,
A fronte me beijando, a mim veio saudar,
Na mente incandescida acólho uma chimera,
Quem foge, si ella abraça, e quem a faz parar?!

Atôa eu divagava, e no abandono frouxo
Da meiga *réverie* volátil, que abracei!
Em face á natureza, quem não scisma e canta?
Ali me transformando, um canto soluçei!

Escuta:—Si a tristeza te invadir os dias,
Si as settas do destino cruciar-te, oh flôr!
Si as phases da desdita bafejar teus annos,
Na pallidez sombria de uma aguda dôr...

Si o myosotis formoso, que cultivas tanto,
Crestar as tuas mãos, e florescer além...
Si os laivos de um affecto, o esphacelar o tempo,
Sósinha te encontrares, sem achar ninguem...

Na pura madrugada, ao brilho das estrellas,
A' sombra das palmeiras, nas desertas ruas,
Reune os teus pezares ao cicio agreste,
Segréda em confiança as rudes magoas tuas.

.....
.....

Si um dia folheares este livro tosco
Verás que n'uma estrophe eu me lembrei de ti;
Pois na expontaneidade destas roseas linhas
Escrevo um pensamento... e o perpetúo aqui!



Ó VÍCIO

E' noite! a chuva cae feroz, medonha e fria
Por sobre um embuçado, que no chão está.
O vinho do bordel assim o embrutecera,
E o misero tombára, adormecendo cá.

E os copos lá tiniam! . . . homens e mulheres
Da tasca o expelliram, rindo de prazer;
O vicio de mãos dadas, no ferrete infame,
Impunha o seu prestigio, era horroroso ver!

Olhae! . . . sobre uma mesa jaz adormecido,
Um filho sem ter pae, um pária sem irmão;
Um reprobado da sorte, que lhe foi madrasta,
Que a furla do destino o enxota em convulsão.

O mundo o pervetera! a amante o abandonára,
E louco o transtornando, exanime o prostou;
Suavissima sereia, rindo, o seduzira
No bafejar immundo á lama o conchegou!

Matou-lhe a honra e o brio... indigno o fizera,
E o homem, que era bom, jazia em podridão,
Em nojo o regeitaram... foi cahir na rua,
E ebrio, como insulto, alli morreu no chão.

.....
.....

E a noite vae no curso, e a chuva atroz, gelada,
Por sobre o morto cae, é rude esta licção ;
O putrido marnel, n'uma risada torpe,
Matou sem consciencia um bello coração.

.....
.....

A morte se prefere ao vil abatimento,
Que encerra em si o lôdo aos olhos da moral;
A morte arranca o espinho que na vida fere,
E dá-lhe a redempção no mundo material !



A CARMITA

Á MINHA CUNHADA ISABEL SABINO PINHO

Pequeno cherubim lá do empyreo,
Si tu por um momento aqui pousaste
Chorando, a teus irmãos no céu deixaste,
Desceste a vir provar agro martyrio.

Achaste um conchegar, oh louro anginho !
No materno regaço, o verdadeiro
Arrimo natural, e feiticeiro
Ninho tecido em plumas de carinho.

Depois, olhando calma, o céu fitaste,
Saudade tu sentistes langorosa,
Em paz adormeceste, e lá pousaste.

Creio ouvir-te cantar em voz mimosa,
Bem junto do altar, aos pés do Eterno,
Sorrindo a tua mãe, que está saudosa.



E' POUCO

(Distribuido no Theatro de Santa Izabel por occasião do beneficio de Lucinda Furtado Coelho, no Recife)

Não pode as ovações do mundo inteiro,
Delirios da plateia extasiada
Si quer contar a tua nomeiada
Ao Genio que é do céu, aqui saudar!
São poucas estas flores e estas palmas,
Mesquinhas emoções das nossas almas
P'ra ás plantas tuas virmos derramar.

Um dia lá nas veigas do Eterno
Criou elle uma fada portentosa
E deu-lhe a bella c'rôa magestosa,
A c'rôa de uma artista sem rival!
Satisfeito em sorriso, diz:—“ avante!
Vou dar-te o meu poder, vae caminhante
Em busca de um porvir sem ter igual! ”

Avante tens seguido!... e nesta arena
Do palco sempre em luz, tu mais roseias,
Em cada producção um typo crêas
Sem ter quem igualhar-te em tanta luz.
Si os anjos cá viessem, n'um abraço
Viriam te prender no branco laço
Que orna o throno excelso, e a Deus conduz!

Só isto é que merece a tua gloria,
Estrangeira e irmã, nós te saudamos,
Ao Genio creador nós nos curvamos,
N'um brado aqui erguemos teu altar!
Em cada coração terás um culto
Prostrado em reverencia ante o teu vulto
E á meiga candidez do teu olhar!

Não vês a multidão que te circula,
Que infrene vêm correr á tua festa?
Querendo ao teu talento render nesta
O culto que se deve a ti render?
Plantaste em cada peito uma saudade
Casada com o amor e a lealdade
E a chuva desses rócios de prazer!

Pois bem!... dessa phalange feminina
Que aqui se reunio em honra tua
Que em cada olhar, no rir, bem vês, fluctua
As ondas do prazer, do bem estar!
Te envio um verso meu no dia fausto
E o pobre coração em holocausto
E' pouco!... mas recebas sem corar!



A ARTE

Acenas-me, sombra ?
Ai, dize:—Quem és ?
Que é isto, recuas ?
Bem ouço os tropeis !
És grande, és gigante ?
Tens luz a espargir ?
Mas calas ! teu nome ?
Não venhas mentir !

Bem sei que te ornam
Brilhantes sem par ;
Teu corpo é de prata,
Soberba a brilhar ;
Nas mãos tens palhetas
Douradas ! Que fim
Conduz os teus passos
Tão perto de mim ?!

Quem és? não respondes?
Eu vejo a teus pés
Um livro e uma penna,
Visão, tu quem és?!
Sorris?! te aproxima,
Não temas, por Deus!
Desvenda essas brumas
No arroj. dos teus!

A sombra caminha,
Um hymno se ouviu;
Empunha uma lyra
Que o brilho fulgio.
Me entrega uma penna,
Depois. . . eis que parte,
De longe murmura :
—“Mulher, sou a Arte!”



QUADRO ÍNTIMO

Á MINHA FILHA

A mêdo encaminhei-me ao leito immaculado
Onde dormia um anjo envolto em branco linho,
Por sobre uma almofada leve, qual arminho,
Beije-lhe a face casta. e o labio assetinado.

E' grato ver dormir sorrindo um innocente,
Velar, qual anjo bom, a candidez das azas,
Sacudir pressurosa incandescentes brazas,
Preservar-lhe o futuro de um incendio ardente.

Emquanto extasiada o contemplava ainda,
O anjo murmurou meu nome n'um gorgueio,
Depois... cortou a phrase em repentino enleio.

Passei-lhe a mão na frente...acorda amedrontada;
Me diz a bocejar: "Mamã, eu quero agora
Dormir sobre o teu collo, e não sobre a almofada."



A MORTE

Eterna companheira dos humanos,
Não canças com a lucta de exterminio,
Não poupas a ninguem... o teu dominio
E' igual para os bons ou p'ra os tyrannos.

A vaidade e a soberba, chaga horrenda,
Caminham magestosas nesta arena,
Sem pensarem em ti, que as condemna,
Lhes dando a negra foice como offrenda.

Por isso é que eu te adoro, oh morte amiga !
Não fazes selecção, a todos chogas,
O rico ao pobre, á poeira, tudo liga.

E lá nesses baixios ha ventura,
O verme affeito expelle atroz, ferino
A quem escarnecer da sepultura.



SARAU DE ALEM TUMULO

HOMENAGEM A VICTOR HUGO

Já dera meia noite ! a lua é branca, é bella,
A abobada celeste ostenta um grato anil;
Sorri toda serena a graciosa umbella
No véo, que altipotente quer brilhar subtil.

No meio da flóresta, em sala de verdnra,
São luzes pyrilampos . . . eil-os a brilhar;
A orchestra é o doce canto d'ave na espessura,
Com sons de uma harpa eólia, suave no vibrar.

A relva é o tapete, e as estrellas lustre,
Bouquets as parasitas de carminea flôr,
Descae a phantasia, mas que eu não me frustrre
Em dar ao meu pincel a vida, a sombra e a côr !

Por entre a luz de archotes, pelos arvorêdos,
Immensa procissão ao longe, a custo vem !
Tão graves como bonzos, firmes, calmos, quêdos,
Divulgo muitos vultos, vou contar aos cem !

São homens e mulheres, de olhos radiosos,
Uns moços, outros velhos, brando o respirar;
As damas têm vestidos alvos, luminosos,
Coquettes no donaire, altivas no pisar !

Os homens vestem negro, os rostos são severos,
De leve nem um riso nelles vem raiar.
Caminham indecisos, param sempre austeros,
Consultam entre si n'um vago murmurar !

Ergueu-se altivo um velho, o porte é magestoso,
A barba, em alvo froco, sobre o peito cáe;
Por sobre o largo hombro, forte e vigoroso,
Sustenta um negro manto, que arrastando vae.

“Senhores! bellas damas! eis nos reunidos,
A meu convite vieste, eu agradeço a vós;
E' este o meu saráu, gosemos intretidos
Prazeres que no mundo não tivemos nós !

O mundo é baixo, é torpe, e rude, vil, infame;
Saudades não me restam, só uma dor atroz.
Deixae que entre amigos o meu fel derrame,
Sem pena o olvidemos, já que estamos sós !

Eu ergo sobranceiro a minha nobre fronte
Nesta aprazível festa, eu vou dizer quem sou !
Saúdo os meus amigos, que alli estão defronte,
E o meu antigo nome vou dizer-vos, vou !...

Senhores, sou Virgilio, eu habitei em Roma,
E fui um vulto immenso que além viveu;
Eterna é minha gloria. o meu poder assoma,
E n'um respeito immenso eu vejo o nome meu.

Eu já me apresentei: de pé, sim, meus senhores !
E' praxe que n'um baile, digam pois quem são;
Erguei-vos pressurosos com o rir das flores,
Que timidas repousam no rasteiro chão."

—“Homero foi meu nome, o meu paiz a Grecia,
Que de artes ensinei na salutar lição,
E muito trabalhei, porque nunca a inercia
Pousou sobre os meus dias, asssguro, não !”

“Horacio, disse um vulto,—um outro, eu sou Dante,
O amor purifiquei com minha Beatriz;
Será meu par eterno, o meu amor constante,
Nem mesmo o véo do tumulto apagal-o quiz !”

“N'um carcere vivi, sou Tasso, meus amigos,
Por minha Eleonora um golpe ruim soffri;
Arqueei co'o infortunio, e com alguns perigos,
Mas hoje sou feliz, em paz estou aqui !”

“Petrarca me chamaram, junto a mim eis Laura,
Da Italia somos filhos:—anjo, vem valsar;
Encosta-te ao meu peito, que está fresca a aura,
E juntos, n'um abraço, ai como é doce estar !”

“Sou filho da Allemanha, Schiller, o pensante.”
“E eu sou Abellard com Heloiza aqui !
“E eu sou Shakspeare, mas nem um instante
Gozar pôde as venturas, que fruíste alli !”

“Gentis senhoras, Milton, o poeta cego,
Se curva ante a belleza que produz um ai !
A par do *Paraíso*, bem, aqui vos lego
Meu peito clareado de arreboes, tomæe !”

“Voltaire—eu Chenier,—Ronzard, e os pleiadores.”
“E eu fui Lamartine, o das *Meditações*.”
“Chateaubriand, cantei o mysticismo em flores;
Meu tumulto, na rocha, affronta as gerações.”

“Gonçalves Crespo fui;—e eu, Gonçalves Dias.”
“Varella;—eu fui Abreu;—Gonzaga me chamei.
Marilia, p’ra que tremes ! vem dançar . . . fugias ?
Por ti eu, no desterro, em cantos me inspirei!”

“Camões, o desgraçado luzitano poeta,
De pé está ante vós, e Catharina alli !
Deixei o meu poema lá . . . fui um atleta,
Pagaram-me bem mal ! . . . n’um hospital morri !”

“Sou Gœthe, o terno Gœthe, o amante de Bettina,
O meu grandioso nome o creio universal !
E quem não me conhece ? o estro meu domina
O palco e os salões, em vós peregrinal !”

“Dancemos com calor . . . alli porém eu vejo
Senhores, diz Virgilio, alguém que vem p’ra aqui;
Um vulto endeosado ! ah quem será ? ! desejo
O ter bem juncto a nós . . . agora o percebi !

Vos é desconhecido ? ! vamos pois saudal-o ;
A cortezia ordena ir ao encontro seu !
As damas vão na frente, iremos convidal-o
Para o logar de honra neste baile meu !”

A pleiade brilhante foi buscal-o altiva,
E todos perguntaram em apressada voz :
—“Gigante, tu quem és, que uma luz tão viva
Vem, qual um meteóro, illuminar a nós !

·Eu desprendi-me a pouco, venho aqui, senhores,
Unir ao vosso côro os magos cantos meus;
Vim derramar canções no calice das flores,
Unir mais uns harpejos aos harpejos seus.

Eu vim todo orgulhoso, é nobre esse convite;
Que desejais de mim ? pois bem, aqui já estou !
E' grato estar cercado desta bella elite,
Eu vou dizer nome:—eu sou Victor Hugo !”

Eis que se inclinam todos, prestes, reverentes,
As damas, arroubadas, prostam-se no chão.
—“Senhoras, que fazeis?! erguei-vos complacentes,
Tal prova de respeito eu não mereço, não ?”

.....
.....

“Amigos, diz Virgilio, um fim teve esta festa,
Que foi de reunir-vos, para aqui saudar
O rei da poesia, que a celeste orchestra
De seus divinos sons no céu veio installar !

O têt-o junto a nós, é ter immensa dita,
Do templo do Parnazo o mestre aqui será;
O sabio não morreu ; a sua voz bemdita
E o nome universal, vae ter um preito cá !”



A LUA E AS ESTRELLAS

A união dá força.

No cimo do zenith
Em dulcido repouso,
A lua ri-se ufana,
Em manto fulguroso.

Soberba se julgando
Está, mas nem consente
Que d'ella se aproximem
Si quer timidamente....

As limpidas estrellas,
Como ella, admiradas,
Pequenas, tremulosas
Em chispas clareadas....

Combinam entre si
Os astros pequeninos
Fazer curvar a lua
Nos róscios peregrinos.

Affeitos se aproximam
E a cercam toda inteira;
Rainha, descuidosa,
Saúda ás mais, fagueira !

Querendo após mover-se,
O circulo affrontou-a;
—‘Affastem-se, ordeno,
Eu quero andar!... é bôa!’

—“Pois não! és prisioneira
De nós, pequenos astros;
A tua altiva effigie
Nos vae beijar os rastros.

E’ tua a esfera, louca?
Tambem nos cabe parte,
Brilhando toda a noite
Podemos igualar-te !

--“Mentira ! eu sou rainha !
Quem me disputa o sceptro ?
Vossa pequena côrte ?
Vou rir-me... ah! ah! é certo!”

—“Bem certo! arreda, affoita!
Que o faças, se poderes;
Em gréve nos junctamos,
Impondo-te deveres.

A nossa luz sideria
Ao viajante guia,
De um polo ao norte amigo
Um raio o allumia.

Que a união dá força,
E' certo, dil-o aqui;
Se tens amor ao throno,
Humilha-te d'ahi !"

A lua reflectindo
Pedir se resolveu,
A fronte se lhe embaça,
E a calma voz tremeu:

—“Pois bem, eu já confesso
Que humilde posso ser;
E' dupla a vossa força,
E' duplo esse querer! . . .

Não posso estar parada,
Por Deus, dae-me um logar.”
—“Já vimos-te humilhada,
Pois bem, podes passar!”



EVOCÇÕES

Á MINHA IRMÃ MARIA SABINO PINHO MOREIRA

A lua nos convida! como o luar é bello! . . .
Que esplendida paisagem, que arcanos de magia!
A lua é bôa amiga! . . . não trae a confidencia,
Que a envolva no seu manto, nas dobras que extasia.

Aqui juncto á roseira, escuta a irmã, que scisma;
Bem! nesta posição, diz, tu te achas bem assim?!
Agora . . . recordemos os dias que morreram,
E que eram tão formosos, mas que se foram emfim.

Já são passados annos, e os risos da infancia
Ha muito que murcharam, e nunca mais virão;
Por entre as alvas flores dos risos da ventura
Os sopro da infancia não voltam mais, oh não!

Maria! não te lembras? nós eramos pequenas,
Logo ao romper da aurora, no doce alvor da luz,
Correndo pelo campo, paravamos na ermida
Singella e quasi humilde, morada de Jesus!

Oravamos submissas, depois, sempre felizes,
Com abandono alegre, com rir nos corações,
Atraz das borboletas, e á face dos regatos,
Em plena natureza gorgeavamos canções !

O sol todo ufanoso, regresso nos impunha,
Com flores no regaço, entravamos no lar ;
Sobre o divan da sala, em languido repouso,
Bordava nossa mãe, a quem iamos beijar !

Sorria a bôa amiga, qual fada dos affectos,
Depois, sobre o seu collo, nos ensinava a ler;
Que santos, bons conselhos, que maximas divinas
Seus labios murmuravam no seu morno dizer !

A' noite, e ao piano, depois de uma sonata,
Com voz melodiosa, cantava de arroubar;
E nós todas embebidas n'aquelle effluvio bello,
Sentiamos o pranto nas faces gottejar !

A voz trinava a medo, e ella, a bôa artista,
Interprete do Bello, correcta Malibran,
Findando, mansamente nos alizando as fronteas,
Nos enviava ao leito, beijando com afan !

E hoje, desse goso, Maria, o que nos resta ?
Apenas a saudade pungente e pertinaz ;
Em paga ao teu affecto fraterno e duradouro,
Te envio aqui minh'alma, n'um canto triste mais !



IDEIAS

Á D. FRANCISCA IZIDORA DE CARVALHO G. DA ROCHA

A lampada do craneo allumiou a ideia,
Castello medieval que a intelligencia crêa
Ditando as suas leis, e, como tributario
Tendo a razão senil, envolta no sudario.
A conselheira santa, apost'lo do presente
Que a communhão reparte, em Hostia refulgente!

.....
.....

Surgio da Galliléa o humilde pescador
Fervente no pensar, sublime no ardor!
Se estabelecem Papas, cahem aterrados
Auiiferos altares, deuses bronzeados !
A idade media veio!... as bossas da razão
Jaziam inda atôa, em rude convulsão
O espirito temente, se embutia todo
No misero rasteiro e revoltante lôdo
Das opas clericas!

O sec'lo dezenove, abraça o altruismo,
O altar da redempção sacode o servilismo
O putrido refem que no penhor, deixaram
As broncas velharias, que p'ra alem ficaram!

.....
.....

Resplende um sol moderno, na moderna esfera
Já temos outra aurora, um'outra primavera!...

.....
.....
E' livre o pensamento! um diz:—" Sou realista,
E leio uma cartilha, que é a positivista:
Regeito um Deus, e tenho como base certa
A lei de uma attracção, que o Cosmos a desperta,
Que a orbita impelle, ou move em retracção
Criando a terra, o espaço e a humana geração!"

.....
.....
O ser positivista, abrange uma sciencia...
E' ser-se quasi um sabio, e na proficiencia
De seus conhecimentos, forma a religião
Commum da humanidade, irmã da união
Prevista por Littré, por Comte apregoada,
São muitos os Noés, que cruzam na alvorada!...

.....
.....
A lei dos tres estados, quer a profundeza
Da physica e da chymica, é bem ardua a empreza!

.....
.....
Já que a razão me ordena, uma philosophia
Eu quero disprender á plena luz do dia

O que me vae na mente!...
Que mostre o que me impelle a me tornar fervente
No arduo trabalhar, no Bem proficiente
Das quinas do futuro, a me sorrir contente!...

.....
.....
As crenças religiosas, têm um fim, por certo
Ou seja Budha, Siva, ou no sertão deserto
As hordas dos selvagens que a Tupan adoram
A ideia, é a de um Deus, que timidos imploram!

Eu julgo que é bem nobre e santa a religião,
Que ensina amor aos paes, respeito a seu irmão!

.....
.....
Seja qual fôr a crença se esta é casta e santa
Noss'alma purifica, a ergue e abrilhanta!...

.....
.....
E' livre o meu pensar!... e tenho crença minha!...
Eu quero um Deus, um Christo que a sorrir caminha
Eterno a perdoar! mas não o sanguinario
Sedento e vingativo lá do atroz sudario

Da ida Inquisição

A esse, a luz do sec'lo, expelle-o de razão!

.....
.....
Eu quero o bom Propheta que era douto e santo
Um sabio tão profundo, que transformou tanto
Os élos sociaes dictando uma licção
De fé! de paz, de amor!... sublime de perdão!
Que a cruz foi hasteiado, e, pela sua ideia
Criando no futuro a lucida epopeia
Com a palavra firme, e a rigidez da crença
Plantou a sua seita, que é heroica, immensa!!...

.....
.....
Porém... se em vez de crença me invadir est'alma
O tédio horripillante sem unção nem calma,
Se em vez de um Deus—o nada, o véo do coração
Estropiar a ideia em rubida visão.

.....
.....
Me seja a religião—um culto—a caridade
Tendo um altar robusto, que é a fraternidade
Onde a virtude impere em sua singellessa
Endeosando sempre, a crença na grandeza!!



CRENÇAS

AO DISTINCTO POETA O DR. J. IZIDORO MARTINS JUNIOR

Já lá se foi o tempo, que noss'alma inculta
Nas crenças de outras eras, se abraçando via
Os raios da sciencia, a não allumiavam
E presa e só e rude, quasi que jazia.

Já lá se foi o tempo em que predominava
As rodas, e os martyrios da Inquisição
Aonde o clero affeito, audacioso impunha
O crer-se, sem ter fé! . . . jurar, sem ter razão!

Já lá se foi o tempo dessas rudes eras
Um lucto denso cobre a terra dos Gusmãos
O Iberico paiz se curva envergonhado
E chora o desvario desses seus irmãos!!

E não só chora a Hespanha como a humanidade
Com hardida vergonha, de homens, que a ambição
Pisavam o Evangelho, sublimado e santo,
Calcando os dictames, n'uma lei—pressão!

A crença só é uma,— a plena liberdade
Em que a luz do sec'lo se immergindo está,
A crença é espontanea, e o coração abraça,
A luz moderna e livre, que uma lei dará. . .

A crença é espontanea, o martyr santo, mesmo,
O Deus, que propalava uma doutrina e a fé,
Prégava e não impunha. . . humilde se apresenta
Em sua firme crença e adormeceu-lhe ao pé!

Acaso o ser humano, bom e virtuoso,
Ou seja Calvinista, ou o melhor christão,
Ou mesmo Israelita, se fôr pura a crença
Su'alma tem direito ás raias da amplidão.

O Christo só foi um. . . só um—é o Evangelho
Só uma é a consciencia, e uma é a razão
Seja uma a lei que reja—a expontaneidade
Alliando a voz do sec'lo á voz do coração!



  OLUNTARIO

I

Entremos n'azinhaga! ha nella uma cabana
As têlhas, são as folhas de palmeira, ou canna;
São de barro as paredes, sem nem pedra ou cal.
Apenas amassado á simples mão, que val
A machina brilhante de fundido aço
Successo universal, pois que o progresso a passo
Inventa tantas formas!...

Nessa matta agreste
Nada ha de bello ao menos que á cidade preste
Se não, o louro, o cedro em meiga reunião
Que ao rico, augmenta o ouro e ao pobre, dá mais pão!

.....
.....
A roda da choupana, o quintallete, é limpo;
E' do pobre a riqueza, o seu terrestre olympos,
Um pé de resedá, cravinas e roseiras
Se casam ás perpetuas, chagas, dormideiras.
Sombreira n'uma umbella a roxa viuvinha
A timida saudade, e o alecrim!... Sósinha
A madresilva ostenta as flores perfumosas,
Lá junto do barranco, em curvas caprichosas
Cercando no girao a haste do craveiro,
Que ostenta a flor risonha, em ar de feiticeiro!

A porta carcomida, está aberta em par:
A sala é pequenina, além do limiar
Tem apenas dous bancos e uma mesa velha
Em cima da qual vê-se uns pratos e uma grelha:
N'uma tigella azul, um ramo de açucenas
E um galho de alecrim ao lado das verbenas.

.....
Na alcova sem janella um leito envelhecido
Têm um colchão sem côr, com um lençol serzido...
Um quadro de Jesus, e um outro de Maria
Bem junto á cama estão, em placidez sombria!
Pequeno corredor termina no quintal
Ao pé do tosco alpendre, encosta-se no humbral
Uma pobre velhinha, os bilros estalando
Com voz já tremulosa, em paz, cantarolando.

Um pé de goiabeira com a sombra amiga
Soluça a fresca aragem que o calor, mitiga
N'um homem já idoso, o braço é mutilado...
E dorme a resonar, n'um somno descansado.

Quem é este ancião? que alli na sombra pousa
Que em breve em fria terra, vae cobrir a lousa?

.....
Um servidor da patria, inutil, adoentado
Ficando sem um membro, ao brio, acorrentado!

II

*Soara um grito tremendo
De tremenda exprobração,
Repercutindo na matta
E echoando no sertão!
Fôra um cruento rugido,
De um leão que foi ferido
Por selvatico aggressor!
Erguendo a juba altaneira
Na agonia, a derradeira
Soltou medonho estertor!*

Ouvira o paiz inteiro
E n'uma guerra leal
Mostrou-se Cyclope affouto
N'uma lucta genial!
Affrontando o vil covarde
Lhe mostrava não ser tarde
O grito que o fez sentir,
Que o sangue de um brazileiro
Val um reino e um povo inteiro
E mil canhões a bramir!

Uma phalange de bravos
Levantou-se enraivecida
Tendo o brio, como alphange,
Nesse alphange, presa a vida!
Defendendo sobranceiro
Com esse olhar altaneiro
Voaram p'ra além, assim!
Sem encarar os perigos
Tendo os sabres como amigos
E amigos sinceros, sim!

Bem agreste era o terreno
Sem conhecel-o, lá vão!
Tendo um fim! cobrir de rosas
A tumba de um seu irmão!
Abatendo um rude povo
Sem antever um estorvo
Elles, bravos, vão morrer!
Sim! que a patria, os reclamando,
Vão pr'o combate cantando,
"Ficar no posto, e vencer!"

Quantas dores, quanto anceio,
Quanta magoa, quanto dó,
Não deixaram no lar pobre
De cujo arrimo eram só!

Por um elo intraduzível
Que prende um nó invisível
O sublime e patrio amor,
Avançando ao inimigo,
Sem mesmo prever perigo,
Querendo gloria maior!

Quem pode se quer furtar-se
Ao amor que a patria impõe?
Que de um fraco, torna forte
E p'ra lucta, o predispõe?!
Marchando todo enlevado
Cada bravo ha disputado
Uma espada—a do dever!
Sonhando com esse gloria
Que em sonhos nos diz: “victoria”
Ou triumphar, ou morrer !...”

Voltaram aos patrios lares
Todos cobertos de gloria
Ao mundo dictando planos
De seus trophéos de victoria!
Esses membros mutilados
Deviam ser respeitados
Com acato, e gratidão,
Por terem sido um refen
Que haviam deixado alem
Na tumba de um seu irmão!

III

Voltaram radiosos! mas, que dor immensa!...
Faltava-lhes a esposa, ou filha, mãe, irmã...
E no mesquinho soldo, tinham a recompensa
Da intrepida bravura, de seu louco afan!

A patria é muito ingrata com os filhos bravos,
Devera proteger-lhes, dando roupa e pão!
Cobrir os corpos nús, aos que lhe são escravos
Que o sangue deram rindo, em honra da nação!

A patria é nossa mãe; mas... quanta vez, madrasta
Repelle em asco o pranto, a negra ingratidão
O mis'ro que a servio, ah! quanta vez o affasta
Julgando uma mentira, e a baga, uma ficção.

Bem vimos que miseria afflige o mutilado
Só tem amigo o sol, em dias de verão!
Depois... vem o inverno e pede em alto brado
Um trapo que o agasalhe, e p'ra muchilla—um pão!...



A MINHA MUSA E EU

Eu a vi!... foi á noite!... o vento susurrava,
A chuva, na vidraça em furia, a fustigava,
Nem uma estrella havia sobre o firmamento,
Na rama do arvoredos o sibilar do vento
Sómente se entendia! e eu, á sós pensava!...
Sentia murmurar desconhecida lava
Chocando me as ideias, puramente novas,
A repellir em asco as velharentas provas
Traçando um novo plano, na batalha—Ideia
Evolutiva de hoje, que ao porvir se alteia
Que ha de criar p'ra sempre, idades colossaes
De nova archeologia, em phases immortaes!

.....
Um vulto me abraçou; attonita fiquei,
Recuperando imperio, ao mesmo perguntei:

.....
—“ Quem és que vens aqui, onde eu sozinha immersa
Em sérios pensamentos, intimas conversas
Com a memoria altiva, vens me perturbar?!”
.....
.....

O vulto aproximou-se, grave, no andar,
Envolvia-lhe as formas, manto azul celeste,
Os cabellos esparsos sobre a frouxa veste
Eram louros e bons! os olhos fulgurosos
S'embebiam nos meus, a me sorrir bondosos.
A bocca pequenina, despedia um riso
Tão fresco como a aurora, sobre o paraíso.

.....
“ Não te assustes, mulher!... eu sou a tua Musa
E' grande o meu poder o qual nunca recusa
Em envolver qualquer no seu proficuo manto
E dar-lhe inspiração, e eleva-o tanto
Circumdando-o de chispas desse fogo eterno
Que se achega ao calor, do pensamento hodierno
Da pyra intellectual!

Eu sou encyclopedica
Ergue-te!... assim... agora:

Attende a minha predica:
Ha uma fundição, onde a caldeira ardente
E' o fogo do saber, tenaz, intransigente
Vigoroso e audaz, trabalhador activo
Das novas ambições onde o querer altivo
Impera...

Quando outr'ora a duvida assaltava
Espiritos mesquinhos, surda, eu me quedava!

.....
A ti, quero illustrar-te, oh scismadora, escuta!
Não vês o horisonte? bem! alli perscruta
O fim das gerações que muito atraz ficaram
Muitos sec'los de luz que já representaram
As idades do Bem, que idades provindouras
Inda hão de admirar!

Que phases creadoras
Todas robustas fortes teve a antiguidade
A India, a Babylonia, em sua impiedade
Com reis absolutos, fabulas, conquistas
Que as concepções e as crenças, as tornou bemquistas:
Tiveram monumentos, disputaram c'rôas
Na callida ambição de as tornarem bôas

Ao bem estar dos povos!

O progresso, pára!...
E tudo morto cae!... o seu poder findara!

.....
A terra é sempre mãe!... o povo, é sempre bom,
Ou erga um Deus de ouro, e da trombeta o som
O faça apręgoar o arauto da vontade
O povo é sempre bom, na chã docilidade

.....
A Grecia, Portugal, Hespanha, outras nações
Já tiveram Titans em suas gerações
A França, teve um rei, expelle-o de seu throno
E o pobre jaz na tumba, o corrompendo somno

.....
Hoje o barrete Phrigio, e a tricolor bandeira
Faz prostar á seus pés, a terra toda inteira!

.....
Eduque-se o querer... e dê-se a instrucção
Tereinos porvir novo, e nelle, a evolução!

.....
Tudo hade revestir-se, despertar-se ingente
As artes florirão na phase omnipotente
A Musica, a Pintura, e a arte da Palavra
Radiantes surgirão da engenhosa lavra.

.....
Vês? Roma! a velha Roma! um cubo de epopeia
Em gloria nos aponta de S. Pedro a cupla
A capella Sixtina nessa força dupla
De um architecto o fogo!

Abundam os paineis
De inestimavel preço, a c'roa de laureis
Das frontes dos artistas, elles imitando
Em preito a actualidade humilde se curvando.

.....
Cue raios de ambição, n'um doudo desvario
O Quiridal soberbo, ostenta o poderio!
Muito thesouro ali se occulta em avareza
Arredando do povo, a arte, e a bellesa!

O sec'lo quer a luz! a mulher uma nobresa
Se hade erguer do pó... vae ser a intelligencia
A modernal Vestal da chamma da sciencia
Que tudo hade curvar cortando da razão
O que contrario fôr á lei da evolução!

.....
Então, do arraial da sensatez proficua
Hade crescer—o Bem—a confundir a iniqua
Visão retrogradante!...

Esplendido futuro
Sorri á intelligencia, derrocando o muro
Que a tinha encarcerada!
Respira sobre mim, me beija arrebatada
Se affasta lentamente.

Um traço illuminára
O rasto subtiloso que apoz só deixára!
E vi lá no horisonte, em chispa encandescente
A palavra—FUTURO a se mostrar fulgente.



 FUTURO

Levanta-te, futuro! esparge a tua côma
Affronta as gerações no teu escudo—o Bem!
Sacode da sandalia o pensamento esteril
Enverga a tua vara, em affoutesa, vem!

Levanta-te, futuro! o sec'lo é que te ordena
Golias, faz tremer a quem mofar de ti!
Repelle de teu seio a bachanal do vicio
Erije um novo altar, apressa-te d'ahi.

Levanta-te, futuro! a purp'ra da igualdade
Dourando o manto teu, te irá eternisar
Em cada frente vasta, um novo templo erije
Onde o talento—um Deus, fará se idolatrar.

Levanta-te, futuro! na impressão gigante
E' pena que eu não veja a aurora boreal!
Que transformando os élos, sociaes, condemne
A quem não se ajoelhe ao teu poder fatal.

E qual juiz severo, mas sem toga negra
Envergas, artilheiro, o facho universal
De um projectil certo que incendeie o craneo
Fixando para sempre, o alvo genial!



© RABEQUISTA

Á MEU IRMÃO SABINO O. L. PINHO

I

A rua é nauseabunda! a casa, triste, escura
Com humido tijolo, e feia catadura
De moveis, tem apenas uma triste meza
Negrenta e carunchosa, em plena singellesa
Sobre ella, uma rabeca, chã, desafinada,
Tres cordas ferrugentas, e uma arrebutada.

.....

Em uma pobre alcova de humida parede,
Apenas tendo um leito, e uma velha rêde
Dorme tranquillamente, uma menina, é bella!

.....

Ja dera meia noite! horrida procella
Tremia o horisonte!
e como dorme calma!
No rosto, traduzindo a paz que lhe vae n'alma!

.....

A rua está deserta! agora, lá se via
Correndo pela chuva um homem que tremia
Molhado e tropeçando, té que em casa entrou.
Tira do bolço a vela, e lento se assentou
Na mesa já descripta!...

Apalpa uma algibeira
De onde tirou um pão, que foi a derradeira
Ração que lhe fiaram! olhou-a entristecido
Mas nelle, nem tocou! depois enrubecido
Concerta o instrumento e n'um accorde doce
Começa o improviso, que uma baga, trouxe
Solta um ai gemebundo, e affasta o vil ressabio
Que lhe tortura o peito, e um sorrir no labio
O veio acariciar!...

Entra n'alcova agora!...
Ao contemplar, a joven, elle, pae, descóra
Vendo esse leito nú!

Em meiga reverencia
Oscula a fronte bella, pura, na innocencia
Depois, se erguendo prestes, se deitou vestido
Sobre um tapete velho, rôto e enegrecido

Em outro quarto relis!

.....
.....

Amanhecera!

Do leito veio agora a pobre e feiticeira
Mocinha adormecida, no pisar, galante
Vestido de cretone escuro, e elegante
Lhe emmoldurava o corpo nessa singellessa
De uma primeira idade, em frisos de belleza!

.....
.....

O velho despertára ainda com escuro
Passeia no quintal a ver negro o futuro
De sua gentil filha, cujo dote era
A sua cr'ôa virgem, e a virtude austera.

.....

Por sobre a areia, sente uns passos de mulher
Parando, se erguera, quasi a esmorecer.

—“ Espere pae,
Sou eu, quem vae
Beijar-lhe a mão
Beijar-lhe a fronte
Pedir perdão! ”

—“ Perdão, Agar ?
Perdão, porque?!...
Estou já calmo
E rindo, vê!”

.....
—“ Eu vou contrar, meu pae, a noite estava fria
Eu já tremia
De fome e dor.
A casa estava
Tão triste, escura
Qual sepultura
De negra côr
Depois, dormi...
E vel-o entrar,
Eu não senti!”

Responde-lhe o pae, n'um timido sorrir
Como só tem um pae, no seu loquaz sentir.

“ Eu ajoelhei-me, junto ao leito virgem
Em que dormias, calma a resonar.
E, subtilmente, fui beijar-te a fronte
Julgando a mêdo, ver-te despertar!

Ah! que de angustias, tenho eu soffrido
Filha, não temos, um arrimo são!
Eu reproduzo as agonias lentas
No instrumento, para ter um pão.

Eu reproduzo os gritos de minh'alma
Nas phantazias, que tocar-me ouvis
E quantas vezes eu n'um doce harpejo
Esqueço as magoas, gemebundas, vis!

Oh! que o ser pobre, é vilipendio immenso
Oh! que o ser pobre, honra não se tem!
Querer um pão! e ter um pão o escarneo
Quem o duvida! Oh! que é atroz! ninguem!

Que val a vida, se esta vida é torpe
Que val a vida, que é de prantos só!
Que val a vida, quando a vida é nada
Que val o nada, quando o nada é pó!?

Vem! vou mostrar o teu frugal almoço
Vamos comer a nossa vil ração
O rico, córa, quando a mesa é pouca
Esse direito . . . não o temos, não!

Deus nos despresa, e já nos abandona
Filha, não posso, ai que é melhor morrer!
Ao menos morto, eu não te vejo em magoas
Nas cruas ancias, de um cruel soffrer.

Ai, flor! perdôa! vês? eu tambem choro
Agora, eu carpo, por te ver chorar!
Enchuga o pranto desses lindos olhos
Vem dar-me forças p'ra soffrer, lutar!

Vem dar-me um beijo, e sobre os meus joelhos
Diz que perdôas os anceios meus!
Me aquece ao seio com os teus affagos
Vem dar-me um arrulo desses labios teus.

Sim! . . . que magia! Agar, um pae não sente
Ao ouvir um filho, nos chamar?—meu pae!
Que meigo effluvio nos arrouba o peito
E um mar de graças, inundar-nos vae!"

.....

A meiga creatura os braços seus lançára,
Por entre o pranto e o riso, ao peito, o conchegára!
Depois, a lhe affagar o rosto emmagrecido
Enchuga com a mão, o pranto esmorecido.

.....

Aliza-lhe o cabelo
Agora enralecido
Na dor, encanecido
Porém outr'ora, lindo
Sentando-se, o abraça
E diz co' amor infindo:

“ Oh! pae, que doce cadeia
Venho agora te off'recer
Sinão tens coragem, dou-a,
P'ra que desejas morrer?

Ser pobre, pae, traz ventura,
Que é a paz do coração...
Se agora soffremos fome,
Mais tarde teremos pão!

O rico, tem muita angustia,
Duras, profundas, meu pae!
Pois que a dor, gera um espinho
Que o coração ferir vae!

Do peito, o almo consolo
E' bem difficil se ter,
O rico occulta no luxo,
As magoas d'agro soffrer.

O pobre chora, mas dorme
O somno livre da paz,
Só tem um'ancia—a pobreza
Que lhe sorri pertinaz!

Os nossos ais, voam simples
Lá na penumbra dos céos,
Lá se transformam, sorrindo
Em flócos, aos pés de Deus!

Na dôr, ha sua doçura
Oh! quanto é doce o chorar!
Meu pae, enchuga este pranto
Não me faças soluçar!

Vamos, pae! trabalho e honra
Seja o trabalho—um bordão—
Quem o despreza e repelle,
E' bruto, é rude, é villão! "

.....
.....

Com pouco, dessa humilde casa, então sahiam
O pae com a rabeça, e a filha, a dar o tom
O velho tem os ares de uma paz tranquillã
Que a pura consciencia, deu, a quem é bom!

.....

Pararam n'um palacio, immenso, luxuoso
O portico de marmor' branco e magestoso
Traduz um ideal!
Das salas, derramava
Esse susurro alegre
De festa matinal!

Era imponente o aspecto, ali, pela manhã
Houvera um casamento: a noiva é tão louçã
Com seu vestido branco e as joias de rubins,
Serena, nos luxuosos tufos de setins.

Além de bem bonita, tinha um coração
De per'la, e, cousa rara, um pobre, era um irmão!

Ouvira o instrumento que a gemer bradava
Unido á bôa voz que ao mesmo se casava
E diz sorrindo ao noivo:

“ Amado, vamos ver,
Aqui d'entre as cortinas, bem podemos ter
O gráo de uma impressão a nos ferir de certo...
Que voz tão afinada!...

Eu quero ouvir de perto!”

.....
.....

Com pouco, o pae e a filha, assás angustiados
Cantavam contrafeitos, eil-os assentados
Tremendo, nos coxins!
Ao terminar o canto, a esposa feiticeira
Além da bolça de ouro, deu-lhes a pulseira
E um galho de jasmíns.

Os seus convivas seguem-lhe, o celeste impulso...
Não lhes faltava o ouro, que era agora expulso
Por uma bella acção!
Enchendo os razos bolços que a fortuna dava
A quem a tantos annos fôra a vil escrava
De desesperação!

.....
.....

Ergueram-se agradecidos
Juntando as mãos, commovidos
Ebrios, olharam p'r'os céos,
E n'aquelle mudo enleio
Veio a baga, de permeio,
Orvalhar os olhos seus!

Oh! quanto é bello, e sublime
Nos fastos de aurea riqueza
Vir qual fada, a singeleza
Orvalhar, dourando, um pão,
Que vem dar a igualdade
Da santa fraternidade
Que faz de um pobre, um irmão!

Esta festa foi completa:
Teve um brilho,—a charidade
Livre, na expontaneidade
Mitigando a fome, e a dôr.
Essa esmola, foi a estrella
Que transformára a procella
Nas alvas rosas do amor!

.....
.....

Que ventura, a que goza, o musico e a filha
Sem laivos de ambição!
Ella cose e ajusta os seus vestidos novos
E borda um cabeção.

Felizes são agora na mediania,
Nesse rubor de luz,
Que goza quem é chão, e os olhos fita meigos
Nos páramos da cruz!



TRIBUTO

AO ERUDITO POETA E ESCRIPTOR
O SR. DR. TOBIAS BARRETO DE MENEZES

A's tuas plantas, Mestre, aqui me curvo!...
Meu estro é sem valor, e rude, e turvo
Sem ter uns arrendados tenues, frescos,
Nem se quer, aureos frizos de arabescos
De avelludados tons, te off'recer venho.
E' fraca a intelligencia, e eu não tenho
Uma só uma expressão, que possa ao menos
Traduzir os impulsos, chãos, pequenos
Do triste coração! mas, na affouteza
Das almas comesinhas, que a grandeza
A' força faz subir... pensei nest'hora
No fim deste meu livro, e mesmo agora
Em te enviar córando, um pobre canto,
Que te irá humilhar, ai, tanto, tanto,
De te fazer tremer!... Mestre, perdôa!
E' pura a intenção, e casta, e bôa!
Eu bem pequena sou! sim! reconheço
Ser ave sem gorgeio, eu obedeço

A' força, que me impelle, a attracção
Por tudo quanto é nobre! e o coração
Acaso se domina?!... Ha lei que reja
O impu so, que expontaneo em mim adeja
Nas calidas vizões do pensamento?!
Ha quem possa siquer por um momento
Prender o fio azul da phantasia?!
Nem Deus!...

O teu talento me extasia!
Se não tens o poder d'ouro ficticio
Que entorpece, e sorrindo, faz o vicio,
Tens ouro intellectual, e esse portento
Que a todos não bafeja, n'um momento
Por sobre ti pouzou!... depois, beijando
A tua vasta frente, acariciando,
Teceu uma grinalda immorredoura
De perolas de Ophir, na seductora

Mansão da poesia!...

A penna vae calar!... eu bem previa
A audacia, enlanguecer! mas, tu poeta,
E's grande como um Gœthe, és um atheta!

.....
Foi nobre o meu intento!... eu ao findar,
Encerro nesta folha o meu cantar !

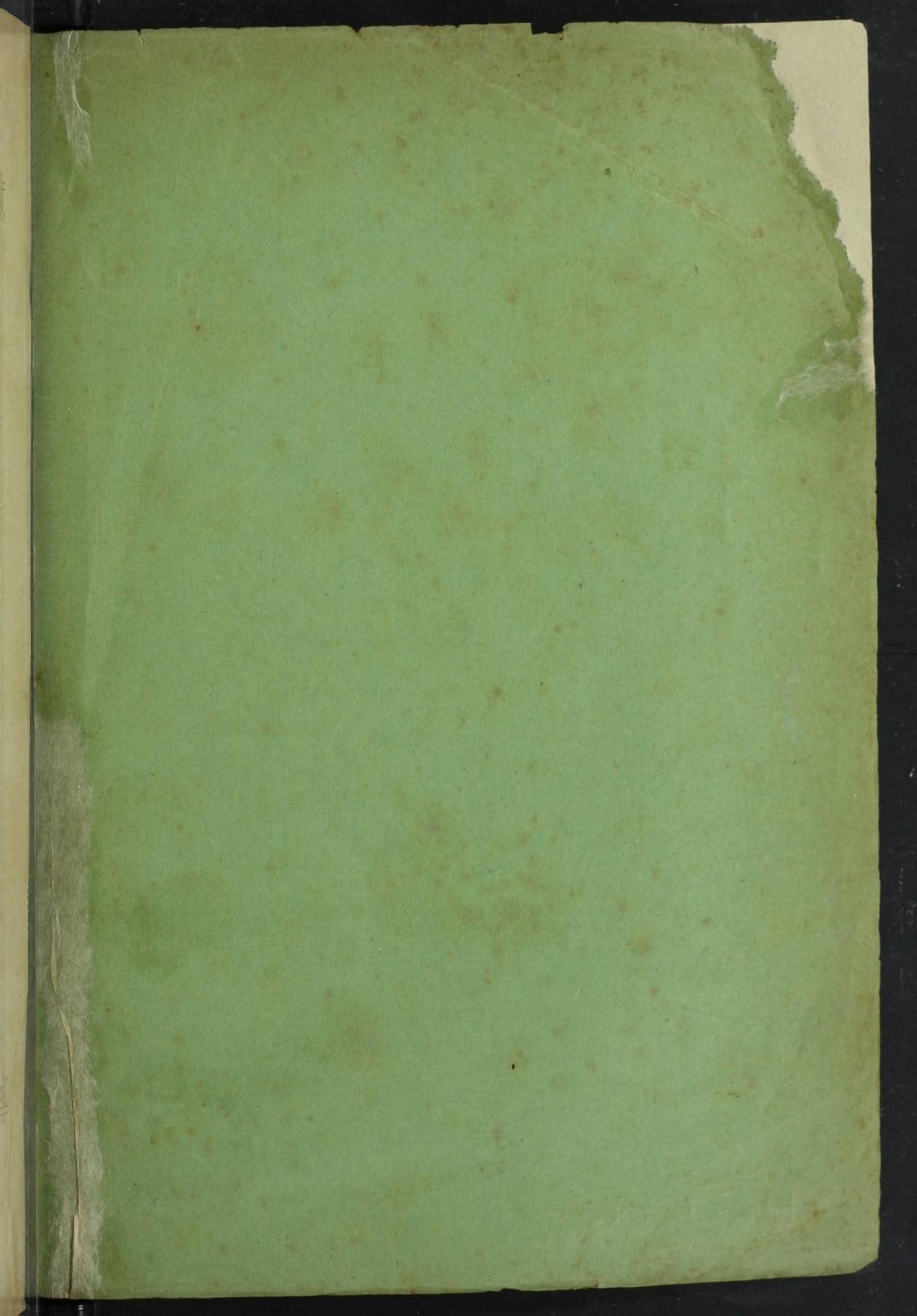


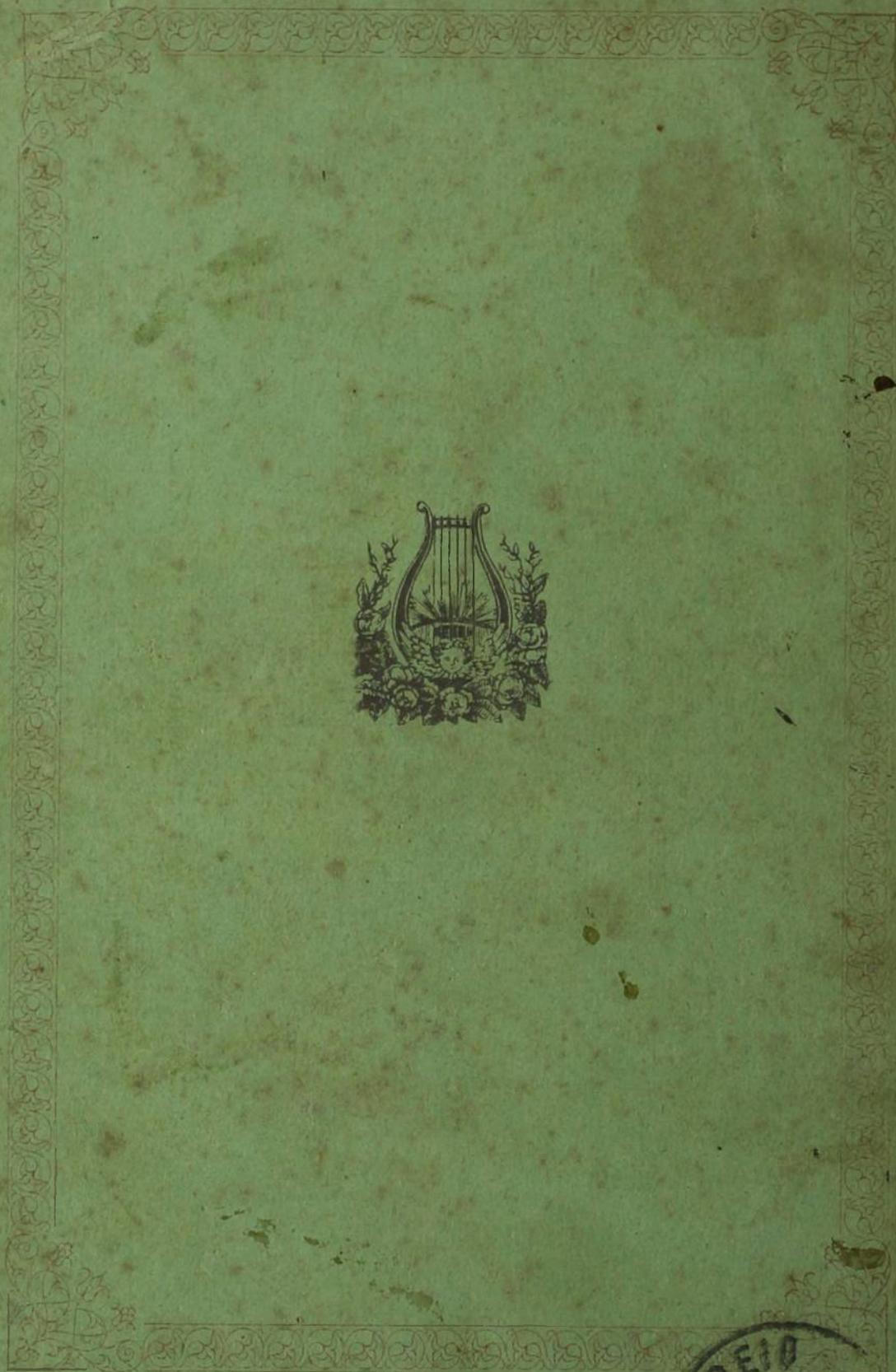
INDICE

Introdução	3
Ri	9
O novo mundo.....	10
A Cruz.....	16
A tempestade.....	18
A musica.....	20
N'um cartão.....	22
Perdão.....	23
A joia.....	25
Saudade.....	27
Meia-noite.....	29
A teus pés.....	31
Portugal.....	33
Povera!.....	35
O naufragio.....	38
O natal do pobre.....	45
O testamento.....	47
A' memoria de Gonçalves Crespo.....	49
A uma rosa branca.....	51
A Engeitada.....	52
Realidade.....	57
Preito a José Bonifacio.....	59
A uma folha rota.....	60
Constricta.....	61
Morrendo.....	62
A Caprichosa.....	64
A morte da virgem.....	66
Amor.....	68

Um suspiro	70
N'uma ventarola.....	71
O Mestre	72
A Peccadora.....	75
A vida.....	77
O artista.....	78
O pirata	81
A namoradeira.....	86
Descrença.....	88
O vinho.....	89
Entre sepulchros.....	90
Epitaphio.....	92
Far a way.....	93
O coração.....	95
Andaluzia.....	96
O baile.....	99
A mascara.....	102
A nuvem.....	103
Entre palmeiras.....	104
O vicio.....	106
A Carmita.....	108
E' pouco.....	109
A arte.....	111
Quadro intimo.....	113
A morte.....	114
Sarau de além tumulo.....	115
A lua e as as estrellas.....	120
Evocações.....	123
Ideias.....	125
Crenças.....	128
O Voluntario.....	130
A minha Musa e eu.....	135
O Futuro.....	139
O Rabequista.....	141
Tributo.....	149







17014

